

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS

GUSTAVO FERREIRA DOS SANTOS

A PLENITUDE DA VIDA ATRAVÉS DA MORTE:

A escatologia de Hans Urs von Balthasar em diálogo com a medicina paliativa

CAMPINAS

2022

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS APLICADAS
FACULDADE DE TEOLOGIA
GUSTAVO FERREIRA DOS SANTOS**

A PLENITUDE DA VIDA ATRAVÉS DA MORTE:

A escatologia de Hans Urs von Balthasar em diálogo com a medicina paliativa

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Teologia do Centro de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, como exigência para obtenção do grau de Bacharel.

Orientador: Prof. Dr. Pe. Alexandre Boratti Favretto

CAMPINAS

2022

Ficha catalográfica elaborada por Adriane Elane Borges de Carvalho CRB 8/9313
Sistema de Bibliotecas e Informação - SBI - PUC-Campinas

236
S237p

Santos, Gustavo Ferreira dos

A plenitude da vida através da morte: a escatologia de Hans Urs Balthasar em diálogo com a medicina paliativa / Gustavo Ferreira dos Santos. - Campinas: PUC-Campinas, 2022.

76 f.

Orientador: Alexandre Boratti Favretto.

TCC (Bacharelado em Teologia) - Centro de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, Faculdade de Teologia , Centro de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, 2022.

Inclui bibliografia.

1. Escatologia. 2. Medicina paliativa. 3. Morte - Vida. I. Favretto, Alexandre Boratti. II. Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Centro de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas. Centro de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, Faculdade de Teologia . III. Título.

Dedico este trabalho a todos os membros das comunidades por onde tenho a alegria de passar e celebrar a esperança viva da Ressurreição e a todos os profissionais da saúde que encaram seus ambientes de trabalho como um campo de humanização e de promoção da dignidade, fazendo começar ali a urgente revolução da ternura.

AGRADECIMENTOS

Manifesto minha gratidão ao Autor da Vida, que me concedeu a graça irrepetível da existência e, por Sua bondade, me permite viver a fé na ressurreição junto à porção de seu povo presente na Igreja Diocesana de Bragança Paulista. Sou grato à Mãe Igreja, que nesta Diocese me acolheu pelo batismo a uma nova vida e me formou para o serviço à toda vida.

Minha igual gratidão aos meus pais, minha irmã e meus amigos-intercessores. Ainda que as condições da vida nos façam encarar a desfigurada face da saudade, as orações e o carinho recíproco de vocês são como poderosos luzeiros que ajudam no meu caminhar sem se deixar impedir pelas distâncias. Minha vida vale mais a pena ser vivida graças a presença e companhia de vocês.

Por fim, minha admiração e grata reverência ao corpo docente de nossa faculdade, que nos últimos quatro desafiadores anos me levou a descobrir as maravilhas de um Deus Revelado na pessoalidade, na humanização, na dignificação da existência! Na pessoa do meu orientador, Prof. Dr. Pe. Alexandre Boratti Favretto, minha estima e gratidão à toda nossa instituição, PUC-Campinas. Prometo-lhes que me esforçarei para honrar diariamente todos os esforços que empenharam na minha formação, através da prática diária da caridade e na busca incansável por uma vida à luz da Verdade.

*A morte é a curva da estrada,
Morrer é só não ser visto.
Se escuto, eu te ouço a passada
Existir como eu existo.
A terra é feita de céu.
A mentira não tem ninho.
Nunca ninguém se perdeu.
Tudo é verdade e caminho.*

Fernando Pessoa

RESUMO

Diante da emblemática, desafiadora e sempre presente questão da morte, a teologia cristã tem buscado no mistério pascal de Cristo as respostas e seguranças para enfrentar esta paradigmática questão. Em dois milênios de existência e expansão pelo mundo, o cristianismo funda-se na certeza fundamental da ressurreição como o ato decisivo da história da salvação e, portanto, da história pessoal de cada homem e mulher de todos os tempos. É nesse contexto que o teólogo suíço Hans Urs von Balthasar desponta como um dos nomes mais notáveis da teologia do século passado, considerando a envergadura de sua reflexão escatológica no corpo de sua robusta produção teológica. Os escritos de Balthasar acerca do mistério pascal foram abordados nesse trabalho como forma de apresentar os elementos basilares da fé cristã na inegociável certeza da vida eterna, maneira pela qual a morte não significa fim da existência humana, mas abertura para uma realidade maior, transcendente e plena de sentido. Contudo, a obra balthasariana está indicada como pressuposto teológico para um diálogo com outra área do saber: a medicina paliativa. Através da metodologia da analogia estrutural, os textos de Balthasar foram lidos ao lado de uma obra de uma renomada médica especializada em cuidados paliativos, Ana Cláudia Quintana Arantes. A publicação de suas experiências ao longo de uma década trabalhando com pessoas na eminência de sua morte colaborou para que teologia e medicina se encontrassem num mesmo horizonte de sentido e de atuação: diante do sofrimento, da morte e da finitude, o homem ressignifica sua existência, revisita e compreende o sentido de sua vida justamente através de sua morte. Quando se acrescenta o dado da fé a este processo, as afinidades entre os escritos de Balthasar e Arantes ficam ainda mais estreitas. É, portanto, no diálogo metodologicamente ordenado que teologia e medicina se iluminam mutuamente e ambas se encontram no mesmo ponto: o homem, consciente de sua finitude, caminha pelo temporal, pelo efêmero, com desejo de eternidade, de plenitude. É a plenitude da vida através da morte, proclamada pela teologia de Balthasar e constatada pela medicina paliativa de Arantes.

Palavras-chave: Hans Urs von Balthasar. Escatologia. Ana Cláudia Quintana Arantes. Medicina Paliativa. Morte.

ABSTRACT

Faced with the emblematic, challenging and ever-present question of death, Christian theology has sought in the paschal mystery of Christ the answers and assurances to face this paradigmatic question. In two thousand years of existence and expansion throughout the world, Christianity is based on the fundamental certainty of the resurrection as the decisive act in the history of salvation and, therefore, in the personal history of every man and woman of all times. It is in this context that the Swiss theologian Hans Urs von Balthasar emerges as one of the most notable names in theology of the last century, considering the scope of his eschatological reflection in the body of his robust theological production. Balthasar's writings about the paschal mystery were approached in this work as a way of presenting the basic elements of the Christian faith in the unnegotiable certainty of eternal life, a way in which death does not mean the end of human existence, but an opening to a greater, transcendent and full of meaning life. However, the Balthasarian work is indicated as

a theological presupposition for a dialogue with another area of knowledge: palliative medicine. Through the methodology of structural analogy, Balthasar's texts were read alongside a work by a renowned physician specializing in palliative care, Ana Cláudia Quintana Arantes. The publication of her experiences over a decade working with people on the verge of their death, contributed to theology and medicine meeting on the same horizon of meaning and action: in the face of suffering, death and finitude, human being re-signifies his existence, revisits and understands the meaning of his life precisely through his death. When the element of faith is added to this process, the affinities between the writings of Balthasar and Arantes become even closer. It is, therefore, in the methodologically ordered dialogue that theology and medicine mutually illuminate each other and both met at the same point: man, aware of his finitude, walks through the temporal, the ephemeral, with a desire for eternity, for fullness. It is the fullness of life through death, proclaimed by Balthasar's theology and verified by Arantes' palliative medicine.

Keywords: Hans Urs von Balthasar. Eschatology. Ana Cláudia Quintana Arantes. Palliative Medicine. Death.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1. SUBSTRATO CONCEITUAL DA OBRA DE HANS URS VON BALTHASAR ...	14
1.1. Trilogia: suma das ideias elementares da teologia balthasariana	14
1.1.1. Glória	15
1.1.2. Teodramática	18
1.1.3. Teológica.....	20
1.2. Cristologia: o prisma fundamental de Balthasar.....	22
1.3. Morte e esperança: bases escatológicas em Balthasar	24
1.3.1. Jesus e a morte.....	25
1.3.2. Ressurreição e esperança cristã	27
1.4. Esperar a salvação.....	30
2. O MISTÉRIO PASCAL DE CRISTO COMO FONTE DE VIDA AOS HOMENS	32
2.1. <i>Mysterium Paschale</i> : a semana decisiva na história da salvação	32
2.1.1. Encarnação e Paixão	33
2.1.2. A morte de Deus como fonte de Salvação, Revelação e Teologia.....	34
2.1.3. Indo para a cruz: Sexta-Feira Santa	36
2.1.4. Indo para a morte: Sábado Santo.....	38
2.1.5. Indo para o Pai: Páscoa	41
2.2. Vida a partir da morte	43
2.2.1. Vida rumo à morte: a busca de uma direção que dignifique a existência.....	44
2.2.2. A pessoa e missão de Cristo como fundamentos da vida humana	46
2.3. Esperança que move a vida à missão	48
3. A TEOLOGIA BALTHASARIANA EM DIÁLOGO COM A MEDICINA PALIATIVA	51
3.1. Cuidados Paliativos.....	52
3.2. A espiritualidade nos cuidados paliativos	53
3.3. A morte é um dia que vale a pena viver.....	56
3.3.1. Morte e sofrimento: homem e Deus se encontram	57
3.3.2. A vida significada através da morte.....	59
3.4. A verdade liberta.....	62
3.5. A fé na vida supera a morte: plenitude na finitude	64

3.6 Conclusão	68
CONCLUSÃO	70
REFERÊNCIAS	73

INTRODUÇÃO

“A morte é a única certeza humana”. Este adágio comumente repetido pelas pessoas das mais variadas realidades sociais, históricas, culturais e existenciais aponta para aquilo que, de fato, não se pode escapar de encarar: a finitude humana. Diante da angústia causada pela morte, a reflexão teológica cristã tem se empenhado ao longo de dois milênios para significar este inevitável e paradoxal evento humano à luz do mistério pascal de Cristo. É nesse sentido que este trabalho busca compreender como a escatologia de um dos maiores teólogos do século XX, o suíço Hans Urs von Balthasar, identifica a morte como meio à plenitude da vida, e não como um fatídico e lastimável dia. Além disso, em chave dialógica, buscar-se-á estabelecer uma conexão entre a escatologia balthasariana com a prática da medicina paliativa da médica Ana Cláudia Quintana Arantes, avaliando a aplicabilidade pastoral da reflexão teológica no emblemático tópico da morte.

A realidade da vida humana, aspecto significativo à reflexão teológica, é marcada por um sem-número de mistérios. Existir é, em si, um mistério. O homem em sua totalidade integral e dinâmica é ser de transcendência, e na perspectiva de Rahner, ao ser “inserido na história e num mundo temporalizado, imbuído do transcendental, experimenta a salvação que se efetiva na história e o interpela em sua existência ao futuro absoluto escatológico”¹.

Nesse sentido, o termo da vida, isto é, a certeza indubitável da morte, desponta como um tema recorrente e jamais esgotado na reflexão filosófica e teológica. De fato:

O cosmo não se experimentava como algo ordenado e cheio de sentido, dentro do qual o homem tem um lugar, e sim como uma confrontação com o negativo da vida que aparece na imagem do caos, da desordem e do sem sentido como algo que não se pode ocultar e está presente desde as origens².

Por estas razões, esta pesquisa baseia-se na compreensão de que historicamente a morte foi tratada como uma realidade temível e em constante esforço para ser evitada ou postergada. Em certo sentido, é como se a certeza do fim da vida pudesse oferecer a ela uma espécie de coerção educativa através do medo em termos ético, moral e existencial. Contudo, na compreensão da vida cristã, sustentada pelos mistérios da vida, morte e ressurreição de Jesus, a morte humana pode ser encarada em novos termos, isto é, em vias de mistagogia.

O horizonte conceitual que sustentará essa reflexão está baseado em uma parte da vasta obra do proeminente teólogo suíço Hans Urs Von Balthasar, que em longa produção

¹ GONÇALVES, P.S.L.; FAVRETTO, A.B. **O tempo escatológico à luz do método transcendental**, p. 255.

² ESTRADA, J. A. **Deus nas tradições filosóficas**, p. 31.

bibliográfica dedicou uma considerável atenção aos tópicos da escatologia. É caro à teologia de Balthasar a compreensão de que a morte não é o fim da vida, mas abertura para sua plenitude em Cristo.

Morte e vida é, sem dúvida, o primeiro e mais antigo paradoxo da experiência humana, contudo, o quadro pandêmico que tem marcado a humanidade nos últimos anos forçou de forma abrupta e provocativa um novo olhar diante da finitude da existência temporal. A morte apresenta-se ao homem dos dias de hoje como a visita, ao mesmo tempo, mais incerta e mais pontual.

Nesse sentido é que se levanta o problema fundamental desta monografia: de que maneira a experiência cristã, amparada pela escatologia do teólogo Hans Urs von Balthasar, pode fornecer elementos capazes de encarar a morte não como um evento inconveniente e pesaroso da existência humana, mas como caminho mistagógico para a plenitude da vida? E como esta construção teológico-reflexiva pode encontrar espaço para iluminar as realidades concretas da vida humana, que independentemente do dado de fé, sempre está marcada pela experiência da morte?

Ter a morte como objeto de estudos é, sem dúvida, tão provocativo e desafiador quanto ela mesma o é. A consciência da finitude humana provavelmente seja uma das maiores causas da angústia existencial dos homens de todos os tempos. Por essa razão, a temática ao mesmo tempo em que impele à investigação, exige do pesquisador uma ressalva propedêutica: trata-se de um objeto indominável e inefável. É por essa razão que se buscará um diálogo da teologia com as ciências médicas, como forma de aproximação da realidade concreta da morte.

A eleição da medicina paliativa como campo de diálogo privilegiado com a teologia balthasariana surge da compreensão de que, no cuidado paliativo, os profissionais da saúde acabam por ser muitas vezes os últimos olhos, sorrisos e expressões de vida humana³ para muitas pessoas. Destarte, os horizontes da teologia e da medicina, da fé e da ciência, sempre se encontram no mesmo ponto: a pessoa humana, com todas suas complexidades, medos, sonhos, esperanças e, por fim, sua morte. Mais do que um ensaio sobre a morte ou um engendramento histórico da experiência humana deste evento singular e inegociável, o objeto de estudos está concentrado no aspecto mistagógico da morte, isto é, como sua presença inevitável abre as portas para uma nova e transcendente realidade.

Trata-se de um mergulho na finitude humana como tentativa de encontrar através dela as experiências do Divino, de forma a olhar para o efêmero e nele enxergar o eterno. Em outras

³ Cf. ARANTES, A.C. Q. **A morte é um dia que vale a pena viver**, p. 72-76.

palavras, assume-se aqui a empreita de lançar esforços em uma reflexão acerca do falecimento dos homens e nele contemplar o Vivente, o Deus da Vida na morte do homem.

É evidente que os autores diferem em seus referenciais, já que para Balthasar a morte é lida em aspecto cristológico-trinitário, como ficará destacado no capítulo I. Já em Arantes a questão é antes de mais nada antropológica. Contudo, o aspecto dialógico não exige que os interlocutores partam dos mesmos campos semânticos ou conceituais, desde que se recorra a uma metodologia oportuna para essa articulação. No caso desta pesquisa, essa aproximação se deu através da ideia de analogia estrutural proposta por Karl-Josef Kuschel. Segundo ele:

Com esse método, torna-se possível considerar seriamente também a experiência e a interpretação literária em suas *correspondências* com a interpretação (cristã) da realidade, mesmo quando a literatura não tem caráter cristão ou eclesial. E buscar correspondências não significa 'cooptar' o objeto analisado, apropriar-se dele. Pensar em termos de analogias estruturais significa justamente evitar que a interpretação literária da realidade seja cooptada como cristã, semicristã ou anonimamente cristã. Quem pensa estrutural-analógicamente é capaz de encontrar correspondências entre o que lhe é próprio e o que lhe é *estranho*. Quem pensa segundo esse método constata também o que é contraditório nas obras literárias em relação à interpretação cristã da realidade, ou seja, o que é estranho à experiência cristã de Deus⁴.

É nesse sentido, que os elementos teológicos acerca do mistério pascal de um teólogo da metade do século passado encontram espaço suficiente para dialogar com os postulados que emanam da experiência contemporânea de uma médica especializada em cuidados paliativos sem que isso fira a intencionalidade dos textos ou force os autores a dizer aquilo que não preteriam ao redigi-los.

De fato, as conexões entre os postulados de Balthasar e Arantes, a partir da lógica metodológica de analogia estrutural não apenas é possível como amplamente aplicável. Isto nota-se, por exemplo, quando ao abordar a dimensão espiritual diante da morte, Arantes chama a atenção para a diferença entre o ato de acreditar e a fé. Segundo ela, o indivíduo que simplesmente acredita em fatos empíricos, estabelece um tipo de relação de troca com a vida, em que a frustração de não receber a cura ou o prolongamento da vida desarticula todas as suas convicções e estruturas emocionais e psíquicas. Já os indivíduos de fé, quando moribundos se entregam aos cuidados de Deus, “aquele que pode nos levar ao nosso destino. (...) Ao verdadeiro sentido de dizer: ‘Seja feita a vossa vontade.’”⁵.

Para a articulação desse diálogo, este trabalho foi organizado em três capítulos, acompanhados da presente introdução e de considerações finais que sintetizam aquilo que fora

⁴ KUSCHEL, K. J. *Os escritores e as Escrituras*, p. 222.

⁵ ARANTES, A. C. Q. *A morte é um dia que vale a pena viver*, p. 46.

recolhido pela pesquisa. No primeiro capítulo, há uma exposição acerca dos elementos fundamentais da epistemologia balthasariana, de forma a destacar como as considerações de sua obra magna *Trilogia* dão as bases de suas posteriores reflexões escatológicas. Também nesse capítulo destacar-se-á o prisma cristológico pelo qual Balthasar constitui seu pensamento teológico. No tópico seguinte, as dimensões da morte de Cristo com a esperança dos homens são colocadas em diálogo, de forma a indicar como as experiências de Jesus marcam profunda e paradigmaticamente a existência de todo gênero humano, uma vez que o próprio Deus mergulha vigorosamente em todas as estruturas da vida humana⁶. Finalmente, o último item conduzirá o leitor para a porta de acesso ao capítulo seguinte, isto é, a esperança da salvação como significante fundamental de toda a reflexão teológica cristã, uma vez que “Se Cristo não ressuscitou, vazia é a nossa pregação, vazia é também a nossa fé”⁷.

O capítulo seguinte é dedicado a um percurso na obra de Balthasar mais atento aos elementos escatológicos, privilegiados em duas obras de sua produção: *Mysterium Paschale* e *Vida Através da Morte: meditações sobre o mistério pascal*. O desenvolvimento do capítulo está pautado, sobretudo, na compreensão de que é o mistério da morte e ressurreição de Cristo que orienta toda a vida cristã e ilumina toda sua trajetória temporal e espiritual. É neste ponto que o evento pascal vivido por Jesus Cristo naquele terceiro dia glorioso marca fundamentalmente toda a vida dos cristãos⁸.

Por fim, o terceiro capítulo chegará a dimensão dialógica preterida na pesquisa. Será neste ponto que a obra de Ana Cláudia Quintana Arantes ganhará espaço e suas considerações serão relacionadas aos postulados balthasarianos apresentados nos capítulos anteriores. Em dimensão teórico-prática com vistas à aplicabilidade pastoral, as conexões estabelecidas entre teologia sistemática e medicina paliativa encontrarão seu ponto de mútua colaboração e iluminação, chegando ao termo daquilo que se objetivou neste trabalho.

⁶ Cf. CASTILLO, J. M. **Jesus: a humanização de Deus**, p. 105-131.

⁷ I Cor 15,14.

⁸ Cf. BALTHASAR, H. U. **Vida através da morte**, p. 31-35.

1. SUBSTRATO CONCEITUAL DA OBRA DE HANS URS VON BALTHASAR

Exponente teólogo de seu tempo, o suíço Hans Urs von Balthasar desponta como um referencial privilegiado da produção teológico-sistemática do século passado. Com uma vasta obra publicada, a teologia de Balthasar dificilmente pode ser sintetizada ou categorizada em tópicos restritos, uma vez que sua produção perpassou praticamente todas as áreas do saber teológico.

Contudo, para as elocubrações que aqui se tecerão acerca do mistério da morte na perspectiva cristã e a investigação do seu potencial dialógico com a medicina paliativa, lançar-se-á mão dos conceitos basilares da teologia balthasariana no tocante aos aspectos da revelação, da ênfase cristológica de seu fazer teológico e de suas considerações escatológicas.

O pensamento teológico-revelacional de Hans Urs von Balthasar, funda-se na compreensão de que Deus se fez palavra carnal e palavra audível na pessoa de seu Cristo, sendo através de sua vida, atitudes, encontros e falas, que o divino encontrou na história sua expressão absoluta. No alto da cruz, ponto ápice da revelação, é que essa intersecção do eterno com a humanidade encontra sua máxima potência. Na ressurreição, se consolidam todas as esperanças dos crentes.

Ao longo deste capítulo, abordar-se-á de forma propedêutica os elementos que estão na base do desenvolvimento do pensamento balthasariano. No primeiro momento, será indicado uma visão panorâmica de sua obra magna “Trilogia”, com as nuances gerais dos três volumes que a compõe. Em seguida, o olhar será voltado de forma especial ao tópico cristológico, marca indispensável dos escritos de Balthasar e chave de leitura indispensável para compreendê-lo. No terceiro ponto do capítulo, a perspectiva de leitura será afunilada para os elementos escatológicos fundamentais de sua obra, sob o signo dos conceitos de morte e esperança. Por fim, a espera cristã pela salvação ocupará o item final desta etapa introdutória da pesquisa.

1.1. Trilogia: suma das ideias elementares da teologia balthasariana

A partir dos anos 1960, Balthasar tem o que se poderia chamar de momento mais maduro de seu pensamento, curiosamente no mesmo momento em que a Igreja vivia seu momento mais paradigmático do último século, o Concílio Vaticano II. Vale ressaltar, contudo, que Balthasar não foi convidado para tomar parte nas Assembleias Conciliares, muito provavelmente uma

consequência de seu desligamento da Companhia de Jesus em 1950⁹. Ainda assim, os méritos de Balthasar não foram esquecidos, uma vez que Paulo VI o convidou para integrar a Comissão Teológica Internacional no ano de sua criação em 1968¹⁰.

Foi precisamente entre 1961 e 1987 que Balthasar publicou sua obra magna, a “Trilogia”. Essa densa coletânea foi dividida em três grandes blocos: *Herrlichkeit* (Glória), *Theodramatik* (Teodramática) e *Theologik* (Teológica). Lançando mão dos transcendentais belo, bom e verdadeiro em uma lógica trinitária-cristocêntrica, Balthasar cria uma espécie de sistema teológico próprio. No cume de sua exponente obra está o teodrama, “o grande acontecimento: o encontro, na criação e na história, entre a liberdade divina infinita e a liberdade humana finita”¹¹.

Uma síntese do desencadeamento lógico de Balthasar em sua reflexão na Trilogia poderia ser assim colocada:

Percebe-se que o primeiro passo na Teologia balthasariana é o “deixar-se arrebatar” pelo indizível mistério da glória de Deus, não restando outra coisa senão a reverência e a adoração (1ª parte). Glória de Deus manifestada no teodrama (2ª parte), na aparente antítese da humilhação extrema da cruz e da descida aos infernos. Glória do morrer que revela, contra toda a lógica humana, a lógica do amor trinitário de Deus (3ª parte)¹².

Como já explicitado acima, não é o objetivo que aqui se propõe um mergulho profundo na vasta reflexão balthasariana, sobretudo nesta que é sua mais desafiadora e densa produção. Contudo, é de máxima importância destacar alguns elementos fundamentais do pensamento do teólogo de Basileia presentes em cada uma dessas etapas de sua engenhosa construção teológica.

1.1.1. Glória

A primeira parte desta obra monumental, Glória, é dividida em sete volumes. Nela Balthasar modela conscientemente seu trabalho sobre o belo, como o primeiro dos transcendentais do ser. Ao fazer isso, ele está lançando mão dessa recuperação da glória divina que é parte do que ele havia descoberto em seu conterrâneo Karl Barth. No entanto, ele utiliza deste recurso dentro de uma estrutura que ele insistirá ser de importância crucial, a analogia, e

⁹ Cf. FERNANDES, R. M. *A Igreja e o Espírito da Verdade em Hans Urs von Balthasar*, p. 17.

¹⁰ Cf. Idem p. 26-28.

¹¹ “The central event: the encounter, in creation and history, between infinite divine freedom and finite human freedom”. BALTHASAR, H. U. *My work in retrospect*, p. 97. Tradução nossa.

¹² FERNANDES, R. M. *A Igreja e o Espírito da Verdade em Hans Urs von Balthasar*, p. 35.

especialmente a analogia do ser, que tem feito parte do debate entre Barth e Przywara e que Balthasar assumiu ainda mais¹³.

Há no fazer teológico de Balthasar uma característica peculiar em vista de seus contemporâneos do século XX. Segundo Reis,

O método de fazer teologia, utilizado por Balthasar, nem é dedutivo (parte da Palavra de Deus e da Tradição), nem indutivo (cunhado na experiência de fé da comunidade eclesial, voltando depois à comunidade), mas sim um método de integração, porque este não elimina nem ignora as ações de Deus para manifestar a sua glória, como também não ignora o que o ser humano realiza para lhe dar glória¹⁴.

Naquilo que chama de “estética teológica”, o autor destaca como este método está baseado em uma dupla significação, sendo tanto uma compreensão subjetiva da percepção quanto um olhar objetivo e autointerpretativo da glória divina¹⁵.

Ao explicar o porquê começar com este tópico, argumenta Balthasar:

Porque isto diz respeito, primeiro, a aprender a ver a revelação de Deus e porque Deus pode ser conhecido somente em seu senhorio e sublimidade (*Hehr-heit* and *Hehr-heit*), no qual Israel chamou *Kabod* e o Novo Testamento de *gloria*. [...] Começar com a estética pode parecer incomum ou arbitrário; apesar disso, como está demonstrado em *Glaubhaft ist nur Liebe* (*Apenas o Amor é digno de fé*), no final das contas é a única instância apropriada. Somente esta instância pode perceber o divino enquanto tal, sem obscurecê-lo anteriormente por relações instrumentais com o cosmos (que, imperfeito, exige a completude divina) ou com o homem (que ainda mais imperfeito e perdido no pecado, precisa de um salvador¹⁶.

Em Balthasar, a estética tem atributo sumamente teológico, sendo o fruto de um ato de fé que reconhece e reverencia a glória que comporta a comunicação amorosa de Deus aos homens, através de Seu Filho. Nesse sentido, como indica Bruno Forte¹⁷, da mesma maneira como o homem não alcança a Deus se não mediado por Seu Filho encarnado, igualmente depende da realidade histórico-salvífica de Jesus para lançar-se a uma reflexão acerca de Deus. É através da manifestação inefável que Deus realiza na encarnação que o homem pode receber em sua imanência as possibilidades de ascense à glória e beleza próprias do transcendente.

¹³ Cf. WIGLEY, S. *Balthasar's Trilogy*, p. 25-30.

¹⁴ REIS, J. L. *Pressupostos teológicos de Hans Urs von Balthasar*, p. 75.

¹⁵ *Idem*, p. 76.

¹⁶ “Because it is concerned, first, with learning to see God’s revelation and because God can be known Only in this Lordliness and sublimity (*Hehr-heit* and *Hehr-heit*), in what Israel called *Kabod* and the New Testament *gloria*. [...] Starting with aesthetics may seem unusual or arbitrary; nonetheless, as is shown in *Glaubhaft ist nur Liebe* (*Love Alone*), it is ultimately the only appropriate stance. Only such a stance can perceive the divine as such, without obscuring it beforehand by na instrumental relationship to the cosmos (which, imperfect, calls for divine completion) or to man (who, still more imperfect and lost in sin, requires a savior).”. BALTHASAR, H. U. *The Glory of the Lord*, p. 80-81. Tradução nossa.

¹⁷ Cf. FORTE, B. *La porta dela bellezza*, p. 69.

É nesse sentido que se nota como em Balthasar a estética não está em chave das artes cristãs, mas a revelação em si mesma irradia o belo.¹⁸ A categoria decisiva da estética teológica é a forma, entendida como figura dinâmica concreta que alcança o homem em sua singularidade. Forma é uma categoria própria da Trindade, que em sua glória inefável imprime em cada criatura seu selo, de modo que todas as coisas criadas sejam capazes de manifestar a beleza que lhe foi dada¹⁹.

Optando por começar pelo belo e assumindo a peculiaridade desta posição, Balthasar destaca que isso serve para tornar mais importante o seu papel; pois em um mundo sem beleza, mesmo o bom e o verdadeiro são ameaçados pela incompreensão. Em um mundo que careça o belo, ainda que exista em algum grau ou esfera, também o bem perde sua condição de atração, de forma que tratar da beleza, para Balthasar, é praticamente condição *sine qua non* para sua teologia e, por essa razão, é tema de primeira grandeza na composição de sua “Trilogia”²⁰.

No entanto, engajar-se com o belo significa também engajar-se com a forma. “Essas palavras que tentam transmitir o belo gravitam, antes de tudo, em torno do mistério da forma (*Gestalt*) ou da figura (*Gebilde*)”²¹. A convicção de Balthasar é que não pode haver beleza sem forma, assim como não pode haver pessoa sem forma de vida. Nesse sentido, interroga Balthasar: “O que é uma pessoa sem uma forma de vida, isto é, sem uma forma que ele escolheu para sua vida, uma forma na qual e através da qual derramar sua vida, de modo que sua vida se torna a alma da forma e a forma se torna a expressão de sua alma?”²².

Tendo estabelecido a importância central da forma, Balthasar continua abordando a questão óbvia que se segue: até que ponto a forma de beleza no mundo natural pode estar sujeita aos mesmos princípios da beleza divina? Isso levanta a questão da analogia, uma questão que Balthasar reconhece ter seus perigos, mas é uma tarefa essencial, pois “se a vontade de Deus em dar forma realmente visa o homem como Deus realmente quer moldá-lo...então parece

¹⁸ Cf. BALTHASAR, H. U. **The Glory of the Lord**, p.9-11.

¹⁹Cf. SCOLA, A. **Hans Urs von Balthasar**, p. 51.

²⁰ Cf. BALTHASAR, H. U. **The Glory of the Lord**, p.19.

²¹ “Those words which attempt to convey the beautiful gravitate, first of all, toward the mystery of form (*Gestalt*) or of figure (*Gebilde*).” BALTHASAR, H. U. **The Glory of the Lord**, p.19. Tradução nossa.

²² “What is a person without a lifeform, that is to say without a form which he has chosen for his life, a form into which and through which to pour out his life, so that his life becomes the soul of the form and the form becomes the expression of his soul?” Idem, p.24. Tradução nossa.

impossível negar que existe uma analogia entre a obra de Deus de formação e as forças modeladoras da natureza e do homem com as quais eles geram e dão à luz”²³.

Nessa perspectiva do conceito de “forma” desenvolvido por Balthasar na primeira parte de sua Trilogia, esclarece Fernandes:

A partir da categoria “forma”, Balthasar elabora em seu primeiro volume de Glória, intitulado *Schau der Gestalt* – percepção da forma –, uma “doutrina da visão”, analisando sobretudo o polo subjetivo, da captação da verdade da revelação pelo sujeito. A evidência subjetiva é a fé. Não só a fé que crê, mas ao mesmo tempo vê a luz de Deus que brilha em seu interior humano. Torna-se evidência subjetiva própria e, no entanto, expressamente determinada pela evidência objetiva da figura histórica de Cristo. Aqui, avança-se para a análise da revelação em Cristo, como o polo objetivo da percepção, estudado principalmente nas duas últimas partes do volume três de *Herrlichkeit*, - sobre o Antigo e Novo Testamento²⁴.

Glória, portanto, é uma síntese da estética teológica de Hans Urs von Balthasar, onde o autor demonstra como a Glória de Deus se automanifesta aos olhos da fé na forma de Cristo, a expressão singular do belo que irrompe a história humana. Essa exposição interpela o crente a uma resposta, sendo ao mesmo tempo percepção e ascese, encantamento e serviço²⁵.

A estética teológica de Balthasar colabora na compreensão do que depois o autor irá tratar em suas reflexões acerca do mistério pascal anos mais tarde na obra “Vida a partir da morte: meditações sobre o mistério pascal”. Entender de que forma a morte do Filho de Deus ilumina e plenifica o mistério da morte humana, um dos objetivos desta pesquisa, passa inicialmente pela ideia do belo como manifestação gloriosa de Deus, sendo o amor salvífico do Pai uma obra de arte revelada por Jesus e tendo o Espírito Santo por intérprete²⁶.

1.1.2. Teodramática

A Teodramática, ou Theo-Drama, é a segunda parte da grande trilogia de Balthasar. Composta por cinco volumes e mais de duas mil páginas, originalmente publicada ao longo de um período de dez anos entre 1973 e 1983, representa um empreendimento teológico maciço. De fato, para muitos estudiosos ele marca o ponto alto da obra de Balthasar²⁷.

²³ “if God’s will to give form really aims at man as God truly wants to shape him . . . then it appears impossible to deny that there exists an analogy between God’s work of formation and the shaping forces of nature and of man as they generate and give birth.” Idem, p.36. Tradução nossa.

²⁴ FERNANDES, R. M. **A Igreja e o Espírito da Verdade em Hans Urs von Balthasar**, p. 36.

²⁵ Cf. Idem.

²⁶ Cf. BALTHASAR, H. U. **Vida a partir da morte**, p. 22-25.

²⁷ Cf. FERNANDES, R. M. **A Igreja e o Espírito da Verdade em Hans Urs von Balthasar**, p. 37-38.

O próprio teólogo deixa claro que este trabalho foi planejado como peça intermediária de um “tríptico” ou trilogia. O volume de abertura do Theo-Drama define o tom da cena com um exame do papel da teoria dramática entre estética e lógica, oferecendo uma razão pela qual o Theo-Drama segue naturalmente a Glória do Senhor. O “drama teológico” já começou com a estética, uma vez que “avistar” a glória é inconcebível sem ser “transportado” por ela²⁸.

Realizando a passagem da estética teológica para a Teodramática, Balthasar parte da contemplação da Revelação “em si” para a Revelação de Deus “em ato”. Aqui, o objetivo já não é então contemplar o “*pulchrum*”, mas partir para a análise do “*bonum*” na história, ou seja, da boa ação de Deus para nós. Balthasar entende esta boa ação de Deus sob as categorias essenciais de “jogo” e “drama”. Assim ele afirma: “Deus não quer ser simplesmente ‘contemplado’ e ‘percebido’ por nós, como um ator solitário por seu público; não, desde o princípio ele tem provido um jogo no qual nós todos devemos compartilhar”. Emerge desta maneira um termo incomum na Teologia, mas que permite aprofundar de forma inovadora a revelação de Deus: a Teologia dramática, ou a Teodramática²⁹.

Cunhando esse conceito acerca da revelação, Balthasar continua a caminhada que inaugurou na primeira parte da “Trilogia”, uma vez que encarar a glória manifesta por Deus urge uma resposta por parte do homem, que não é figura passiva diante da autorrevelação do divino, mas é atraído a ele e, mediante a fé, pode e deve correspondê-lo. Nesse sentido, o homem só experimenta o bem recebido gratuita e livremente da parte de Deus se o realiza, compartilhando em sua atuação de vida aquilo que o próprio Deus realizou por primeiro. Valendo-se da analogia com o universo das artes cênicas, Balthasar ajuda o leitor a perceber como cada indivíduo é membro do elenco que atua no palco de Deus, estando a nossa vida (peça) inserida no tablado eterno que O pertence³⁰.

A Teodramática é onde chegamos à ação. Em termos do grande esquema de Balthasar de abordar a teologia, em termos dos transcendentais do ser, o belo, o bom e o verdadeiro, se preocupar com o bem, pois isso está no coração do que Deus fez por nós em Cristo, assim como sua Estética tratou do belo, da glória do Verbo divino. Mas não se trata de um bem para ser contemplado passivamente, espera-se uma reação³¹.

Se valendo amplamente das analogias com o teatro, Balthasar estabelece na Teodramática uma clara noção de que do seio da vida intratrinitária brotam todas as possibilidades da criação em acolher a grandiosidade da manifestação de Deus em Jesus Cristo,

²⁸ Cf. WIGLEY, S. **Balthasar’s Trilogy**, p. 73.

²⁹ FERNANDES, R. M. **A Igreja e o Espírito da Verdade em Hans Urs von Balthasar**, p. 37.

³⁰ Cf. BALTHASAR, H. U. **Theo-Drama: Theological Dramatic**, p. 20.

³¹ Cf. Idem, p. 22.

protagonista universal deste grande drama que resulta no final mais feliz possível: a redenção de todo gênero humano. Na síntese de Fernandes,

Na teodramática, temos como dado fundamental o encontro da liberdade infinita com a liberdade finita. Os personagens do drama são Deus (liberdade infinita), o homem (liberdade finita) e Cristo como o protagonista e grande realizador do drama universal. [...]. *Das Endspiel* – o último ato – (vol. IV) é o volume que Balthasar trata dos mistérios da Escatologia. Olhando para a positividade da criação, que é imagem das processões intratrinitárias, Balthasar enxerga no próprio Filho de Deus enviado ao mundo, a possibilidade da criação ser abraçada eternamente por Deus. Com este horizonte de esperança termina a Teodramática. Viu-se que ela, englobando temas centrais da Teologia, realizou uma Teologia da História em perspectiva trinitária e cristológica³².

É, portanto, nessa ideia da ação teológica inspirada na Teodramática que se poderá em outro momento desta pesquisa indicar de que forma os movimentos transcendentais da vida, paixão, morte e ressurreição de Jesus plenificam a vida humana à medida que a iluminam e significam. Em outras palavras, tratar-se-á de indicar como os eventos históricos da vida e morte de Jesus tocam precisamente nos dramas mais profundos da vida e morte de todos os homens, o que melhor se explorará na segunda metade do capítulo seguinte deste trabalho.

1.1.3. Teológica

Balthasar inicia a terceira e última parte de sua trilogia com uma “Introdução Geral” na qual ele delinea seu plano de trabalho. “Do início ao fim, a trilogia está sintonizada com as qualidades transcendentais do ser, em particular à analogia entre seu status e forma no ser criatural, por um lado, e em Ser Divino, por outro”³³. Isso se reflete na “correspondência entre a ‘beleza’ mundana e a ‘glória’ divina na Estética e entre a liberdade mundana finita e a divina e infinita liberdade no Drama”³⁴. Na sequência disso, Balthasar continua, “nossa tarefa no presente *Logos* teológico será refletir sobre a relação entre a estrutura da verdade criatural e a estrutura da verdade divina”. Para Balthasar isso é crucial. “Sem filosofia, não pode haver teologia”³⁵.

É possível identificar como a encarnação do *Logos* é a marca paradigmática e metodológica axial da terceira parte de sua trilogia. Nesse sentido, colabora Reis (2007) com a

³² FERNANDES, R. M. **A Igreja e o Espírito da Verdade em Hans Urs von Balthasar**, p. 37-38.

³³ “From first to last, the trilogy is keyed to the transcendental qualities of being, in particular to the analogy between their status and form in creaturely being, on the one hand, and in Divine Being, on the Other.” BALTHASAR, H. U. **Theo-Logic**, p. 07. Tradução nossa.

³⁴ “‘correspondence between worldly ‘beauty’ and divine ‘glory’ in the *Aesthetics* and between worldly, finite freedom and divine, infinite freedom in the *Drama*’”. Ibidem. Tradução nossa.

³⁵ “our task in the present theological *Logos* will be to reflect upon the relationship between the structure of creaturely truth and the structure of divine truth. [...] Without philosophy, there can be no theology”. Ibidem. Tradução nossa.

reflexão de que a Revelação está posta absolutamente no horizonte da Palavra, como destaca singularmente o Prólogo de São João³⁶. A habitação da Palavra entre nós comunica a maneira como Deus expressa sua vontade salvífica e anuncia sua Verdade. Em Jesus, toda sua vida e ações, incluindo seus sofrimentos e morte, são ao mesmo tempo um testemunho da ação de Deus e uma prova de seu infinito amor salvífico pelos homens. A vida, paixão, morte e ressurreição de Cristo, o enviado do Pai, dão as notas para implantação do Reino, que foi assumido pelo Filho em favor do Pai até as últimas consequências.

Dividindo essa última seção de sua vasta trilogia em três volumes, Hans Urs von Balthasar estabelece um programa ascendente acerca da verdade. No primeiro volume, *Wahrheit der Welt* (verdade do mundo), o suíço lança mão de uma reflexão filosófica debruçando-se no aspecto mundano e criatural da verdade, classificando-a em quatro aspectos: como natureza, como liberdade, como mistério e como participação. No segundo, *Wahrheit Gottes* (Verdade de Deus), o aspecto é teológico e Balthasar responde sobre a verdade de Deus, isto é, “A verdade de Deus é Jesus, o Verbo de Deus encarnado, o Filho e intérprete do Pai, que, por sua vez, é gerado e interpretado no Espírito. A verdade de Deus é, conseqüentemente a Trindade”³⁷. Por fim, o volume final *Der Geist der Wahrheit* (o Espírito da Verdade), arremata toda sua longa explanação com um selo pneumatológico, afirmando como o Espírito Santo é intérprete do Pai e como na realidade pós-pascal “Ele tem a missão de salvar o trabalho da Trindade no cosmos e na Igreja, trazendo à luz toda a verdade”³⁸.

Em suma,

Numa visão final sobre os quinze volumes da trilogia, que somam cerca de 8000 páginas, vale a pena recordar que todas as partes desta obra estão trinitariamente estruturadas e que o amor de Deus revelado na encarnação e Páscoa de Jesus Cristo, constitui o centro que tudo rege. Em João 1,14 encontramos a síntese da trilogia: “e vimos a sua glória, glória como unigênito do Pai (1ª parte da trilogia), cheio de graça (2ª parte da trilogia) e de verdade (3ª parte da trilogia)”³⁹.

A lógica trinitária tão sistematicamente elaborada na terceira e conclusiva obra da Trilogia, pode ser considerada como que o escopo fundamental para todo o desenvolvimento da teologia balthasariana acerca do mistério pascal de Cristo. De fato, não seria possível avançar para as considerações acerca do caráter oblato que sustenta toda a vida de Jesus e, sobretudo,

³⁶ Cf. Jo 1, 1-14.

³⁷ GUERREIRO, E. **Hans Urs von Balthasar**, p. 161.

³⁸ FERNANDES, R. M. **A Igreja e o Espírito da Verdade em Hans Urs von Balthasar**, p. 40.

³⁹ Ibidem.

sua autoentrega ao Pai na semana final de sua vida terrena, sem antes considerar as bases aqui percorridas acerca das disposições intradivinas presentes na Trindade.

1.2. Cristologia: o prisma fundamental de Balthasar

No cerne de toda produção balthasariana está uma cristologia amplamente articulada, de forma que toda sua teologia se vale do mistério de Cristo como prisma metodológico e reflexivo⁴⁰. Em suas palavras

Demonstrar a realidade de Cristo como coisa insuperavelmente máxima, *id quo majus cogitari nequit*, porque é precisamente a palavra humana de Deus para o mundo, é o humilíssimo serviço de Deus que realiza além da medida toda a meta humana, é o extremo amor de Deus na glória de seu morrer, a fim de que todos, além de si mesmo, vivam para ele⁴¹.

De fato, não há como ler Balthasar sem os aparatos de sua cristologia, que não constituem uma parte de seus escritos, mas são precisamente o alicerce para todos eles, independente da temática. Cabe ressaltar que sua produção abarca obras sobre trindade, revelação, teologia da história, escatologia, eclesiologia e mariologia. “Vê-se que Cristo não só é conteúdo fundamental da Teologia de Balthasar, como também é princípio metodológico: todos os seus escritos filosófico-teológicos têm Jesus Cristo como ponto de referência⁴².”

Balthasar estabelece como método teológico uma relação muito afinada entre ontologia e revelação, compreendendo revelação como uma chave direta para a cristologia e sendo Cristo o ápice da revelação e o meio pelo qual o Ser de Deus irrompe de forma inédita e definitiva na história humana. Afirma Fernandes que “à luz desta assunção da Ontologia em Teologia sob o horizonte de Cristo, firma-se o fiel procedimento a ser seguido pelo autor suíço a fim de buscar a verdade do Deus transcendente e imanente”⁴³.

Em uma obra de caráter rememorativo de suas publicações anteriores, Balthasar cunhou uma expressão que ilustra magistralmente a relação essencial entre Ontologia e Cristologia em seu fazer teológico: “Uma vez (e uma vez por todas!), o Ser (*Sein*) foi no existir (*Dasein*)”⁴⁴. Em Jesus de Nazaré, o Verbo eterno do Pai feito carne, a Teologia passou a estar sob o horizonte delimitado de seu Ser, verdade universal concreta⁴⁵.

⁴⁰ Cf. FERNANDES, R. M. **A Igreja e o Espírito da Verdade em Hans Urs von Balthasar**, p. 29.

⁴¹ BALTHASAR, H. U. *apud* GUERREIRO, E. **Hans Urs von Balthasar**, p. 140.

⁴² FERNANDES, R. M. **A Igreja e o Espírito da Verdade em Hans Urs von Balthasar**, p. 24.

⁴³ *Ibidem*.

⁴⁴ “Once (and once for all!), Being (*Sein*) was in Existence (*Dasein*).” BALTHASAR, H. U. **My work: in retrospect**, p. 23. Tradução nossa.

⁴⁵ Cf. FERNANDES, R. M. **A Igreja e o Espírito da Verdade em Hans Urs von Balthasar**, p. 16-23.

Quando Deus se torna homem, então o homem como tal se torna a expressão, a válida e autêntica expressão do mistério divino. Certamente o homem precisa de fé sobrenatural para entender o que Deus em sua soberana liberdade quer proclamar em sua autorrevelação espontânea. De toda forma, esse significado divino nunca é algo externo e estranho ao homem, que é de fato eleito para ser sua expressão. Deus é amor. Isso ele testemunhou para nós como homem, e assim os dois mandamentos do amor podem e devem, em Cristo, fundir-se em um. Em outras palavras, Deus, revelando sua própria face ao homem, também revelou a ele sua própria face humana. Deus não está sob nenhuma espécie de necessidade de fazer uso do homem para sua própria autorrevelação; mas uma vez que ele decidiu fazê-lo e o fez na encarnação, todas as dimensões humanas, conhecidas e desconhecidas, são retomados e usada para expressar a pessoa absoluta. Consequentemente, a religião cristã, embora seja do ponto de vista sociológico uma entre outras, deve necessariamente abraçar a totalidade da natureza humana; só assim pode ser reconhecido como verdadeiramente católica⁴⁶.

É nesse ponto que ontologia, revelação e cristologia se tornam quase que três faces de um mesmo prisma para Balthasar. A iniciativa divina de autorrevelação dá ao homem não apenas uma possibilidade de conhecer o antes incognoscível, mas o faz em chave humana, isto é, abarca a forma, estrutura e condições próprias do imanente e finito da condição dos homens: Jesus é a expressão absoluta do encontro da glória divina com os limites ontológicos do ser humano.

Nesse sentido, ecoando uma reflexão de Scola⁴⁷, Fernandes afirma:

Scola demonstra a centralidade dada por Balthasar a Cristo em duas questões centrais de ordem histórico-efetiva: a relação natureza-graça e a predestinação. Na relação natureza e graça, Balthasar, influenciado por de Lubac, afirmava que a natureza humana e suas possibilidades de pensamento só alcançam o seu centro verdadeiro em Cristo. Na questão da predestinação, o teólogo suíço, agora influenciado por Barth e Przywara, assume a posição de que Jesus Cristo é o predestinado e todos os homens o são com Ele. Esta afirmação tem seu apoio na singularidade de Cristo na História da Salvação e em sua preexistência⁴⁸.

Deus a nós enviou o seu filho e fez dele o centro da criação. A revelação, a partir do Novo Testamento, está alicerçada sob o acontecimento da Encarnação de Jesus pela ação do Espírito Santo que desceu sobre Maria. Assim, o mesmo e único Deus é revelado no Novo Testamento por Jesus como Deus Trindade, agindo as três Pessoas unitariamente nas ações *ad*

⁴⁶ “When God becomes man then man as such becomes the expression, the valid and authentic expression of the divine mystery. Certainly man needs supernatural faith to understand what God in his sovereign freedom wills to proclaim in his spontaneous self-revelation. All the same, this divine meaning is never something external and alien to man, who is indeed elected to be its expression. God is love. This he has testified to us as man, and so the two commandments of love can and must, in Christ, coalesce into one. In other words God, in revealing his own countenance to man, has also disclosed to him his own human countenance. God is; under no sort of necessity to make use of man for his own self-revelation; but once he has decided on this and done so in an incarnation, all human dimensions, known and unknown, are taken up and used to express the absolute person. Consequently the Christian religion, though it is from the sociological point of view but one among others, must necessarily embrace the totality of human nature; only thus can it be acknowledged as truly catholic.” BALTHASAR, H. U. **The Word Made Flesh**, p. 70. Tradução nossa.

⁴⁷ Cf. SCOLA, A. **Hans Urs von Balthasar**, p. 59-65.

⁴⁸ FERNANDES, R. M. **A Igreja e o Espírito da Verdade em Hans Urs von Balthasar**, p. 24-25.

extra. Deste modo, como destaca Ladaria, “parece, portanto, que o princípio da unidade de operações ad extra pode não excluir toda intervenção das pessoas enquanto tais”⁴⁹.

É fato que, no evento da Encarnação, há um caso em que apenas uma das Pessoas – o Filho – realiza uma ação que, em seu termo, não foi operada pelos demais. De fato, somente o Filho se fez carne. Todavia, tanto o Pai quanto o Espírito Santo agiram ao mesmo tempo, ou seja, atuaram intimamente nesse evento, de forma própria. Por isso, compreendemos: o Pai, enviou o Filho ao mundo; o Espírito Santo, na tarefa de proporcionar a Encarnação e de confirmar a obra redentora do Filho. Na obra de Balthasar, essa sistematização é amplamente articulada e a base para toda sua teologia, uma vez que ele indica que em Jesus Cristo, sua pessoa e missão, está em plena consciência de que foi enviado pelo Pai para realizar uma obra redentora⁵⁰.

O Espírito Santo, por sua vez, é revelado na economia da Salvação, como Aquele que repousa em Jesus e o impele em sua obra redentora. Distinguindo a missão de cada Pessoa da Trindade no plano salvífico dos homens, Balthasar realiza uma aproximação entre Trindade econômica e imanente de forma a acentuar uma perspectiva cristológica, isto é, durante sua vida Jesus esteve em relação de plena obediência com o Pai e era guiado pelo Espírito, até o momento axial de sua exaltação na ressurreição em que ele mesmo envia ao mundo o Espírito que até então o conduzia⁵¹.

Nota-se, portanto, que a articulação teológica balthasariana é essencialmente cristocêntrica⁵², fato que iluminará e definirá também o forte aspecto escatológico de suas obras e justifica sua eleição como referencial para a pesquisa que aqui se propõe. É com base no referencial cristológico que morte e esperança se encontram no pensamento de Balthasar e se alinham como a união indispensável para se pensar o dilema da morte humana à luz do mistério pascal, como será pormenorizado no item a seguir.

1.3. Morte e esperança: bases escatológicas em Balthasar

Considerando um substrato cristológico tão amplamente alicerçado, não é de se estranhar que Hans Urs von Balthasar tenha lançado tanta atenção aos eventos pascais de Cristo

⁴⁹ LADARIA, L. F. **Deus vivo e verdadeiro**, p. 40.

⁵⁰ Cf. Jo 5,19-43.

⁵¹ Cf. FERNANDES, R. M. **A Igreja e o Espírito da Verdade em Hans Urs von Balthasar**, p. 28-29.

⁵² Cf. HACKMANN, G. apud FERNANDES, R. **A Igreja e o Espírito da Verdade em Hans Urs von Balthasar**, p. 24.

e suas múltiplas consequências na história humana e no plano salvífico de Deus. Revelação, trindade, pneumatologia, cristologia, eclesiologia, enfim, toda construção de seu saber teológico está de alguma forma interligada com os eventos que marcaram a última semana de vida daquele galileu do século I⁵³.

Em uma coletânea⁵⁴ dedicada integralmente a tarefa de explicitar as considerações de Balthasar na área da escatologia, Leomar Antônio Brustolin sistematizou um total de dezoito obras do teólogo suíço publicadas entre os anos 1954 e 1988 dedicadas fundamentalmente à temática. É evidente, contudo, que também sua Trilogia e demais obras perpassam as questões escatológicas, ainda que objetivem outras especificidades temáticas.

Para Balthasar, a aproximação das coisas últimas só é possível ao homem por meio de imagens e, portanto, de forma imperfeita e imprecisa. Por essa razão, a escatologia balthasariana é uma doutrina da relação do homem com uma realidade eterna e futura ainda turva, trata-se do “saber em que o espírito concreto encontra-se diante da própria realidade última, que lhe dá plenitude, mas que ainda está escondida sob um véu e que se deve revelar ao ser humano com um apocalipse (*revelatio*) na atuação de si mesmo”⁵⁵.

1.3.1. Jesus e a morte

A morte é uma das marcas mais paradigmáticas da existência humana, condição que uma vez assumida em plenitude por Deus na decisão kenótica da encarnação, também marcou a história do Verbo. Um Deus morto e com morte de cruz: eis o fato que rimbombou pela história da humanidade e desde então tem provocado crentes e céticos as mais diversas e complexas reflexões. Para um teólogo da envergadura de Balthasar, essa conexão encarnação-cruz não poderia ser menos instigante⁵⁶.

Em uma de suas obras referenciais acerca do mistério pascal, “Teología de los Tres Días: el misterio pascual”, o teólogo de Basileia se debruça sobre os eventos paradigmáticos que marcaram o final de semana mais decisivo da história humana. Contudo, propedeuticamente, antes de chegar à sexta-feira da condenação e Paixão de Jesus, Balthasar

⁵³ Cf. BALTHASAR, H. U. *Theo-Logic*, p. 45-76.

⁵⁴ Cf. BRUSTOLIN, Leomar Antônio (Org). *Esperar a salvação: A escatologia de Hans Urs von Balthasar*. 1ª ed. São Paulo: Paulus, 2019.

⁵⁵ BRUSTOLIN, L. A. (Org). *Esperar a salvação*, p. 35.

⁵⁶ Cf. BALTHASAR, H. U. *Theo-Logic*, p. 145-151.

dedica uma valiosa reflexão acerca da íntima relação existente entre a decisão encarnatória de Deus e o evento da cruz.

Diante do pecado e de seu salário, a morte⁵⁷, o gênero humano encontrava-se sem outra possibilidade de existência que não a angústia e o sofrimento. É justamente deste ponto que parte a ação salvífica de Deus, abarcando a totalidade da existência humana até o âmago de sua dor:

Somente quando o próprio Deus adquiriu essa experiência última de seu mundo - que na liberdade humana tem a possibilidade de negar a obediência a Deus e, assim, perde-lo - deixa de ser um mero juiz de suas criaturas de fora e desde cima; por causa de sua experiência do mundo a partir de dentro, como um ser humano que conhece experimentalmente todas as dimensões do ser mundano (até o abismo do inferno), torna-se a norma para o homem: assim que o Pai (como criador) entrega ao Filho (como redentor) "todo julgamento" (Jo 5, 22), que doravante consiste no fato de que "vindo em meio as nuvens; todo olho o verá, até mesmo aqueles que o traspassaram, e ele todas as raças da terra chorarão... Eu sou o Alfa e o Ômega... Aquele que (como Traspasado) é, que era e que vem" (Ap 1,7-8; Jo 19,37; Za 12,10-14). Portanto, a cruz (Mt 24,30), ou melhor, o Crucificado, é o ponto de referência de toda existência humana pessoal e social: enquanto juízo final e redenção "como pelo fogo" (1 Cor 3,15)⁵⁸.

É na reflexão acerca da cruz e do crucificado que Balthasar chega ao cume de sua teologia da revelação desenvolvida em outras obras, particularmente em sua Trilogia. De fato, sua densa produção teológica não poderia caminhar para outra direção que não o epicentro da vida cristã e da história da salvação: o escândalo libertador da cruz. Para Reis⁵⁹, é no episódio da morte de cruz que fica exposto de forma absoluta a magnitude do amor de Deus pelo gênero humano. Na teologia balthasariana, é na relação indissolúvel entre cruz e ressurreição que o *éschaton* é comunicado de forma plena de sentido e, nesse momento, a morte do Filho se torna simultaneamente fonte da salvação, a revelação divina por excelência e a exposição absoluta da identidade de Deus, marcada pela oblação de si mesmo em favor do homem decaído.

⁵⁷ Cf. Rm 6,23.

⁵⁸ "Solo cuando Dios mismo se ha procurado esta experiencia ultima de su mundo —que en la libertad humana tiene la posibilidad de negar la obediencia a Dios y, con ello, de perder a Dios—, deja de ser mero juez de sus criaturas desde fuera y desde arriba; debido a su experiencia del mundo desde dentro, en cuanto humanado que conoce experimentalmente todas las dimensiones del ser mundano (hasta el abismo del infierno), se convierte en norma para el hombre: en cuanto el Padre (como creador) entrega al Hijo (como redentor) 'todo el juicio' (Jn 5,22; cf. Hen 51), que desde ahora consiste en que 'viene acompañado de nubes; todo ojo le vera, hasta los que le traspasaron, y por el haran duelo todas las razas de la tierra... Yo soy el Alfa y la Omega... Aquel que (como Traspasado) es, que era y que va a venir' (Ap 1,7-8; Jn 19,37; Za 12,10-14). Por tanto, la cruz (Mt 24,30), o mejor, el Crucificado, es el punto de referencia de toda existencia humana personal y social: en cuanto juicio ultimo y redencion 'como por fuego' (1 Cor 3,15)." BALTHASAR, H. U. **Teología de los tres días**, p.15. Tradução nossa.

⁵⁹ Cf. REIS, J. L. **Pressupostos teológicos de Hans Urs von Balthasar e a sua compreensão de revelação divina**, p. 92-93.

É desta forma, portanto, que Balthasar vai tecendo sua engenhosa reflexão teológica, colocando na experiência da cruz o ato revelador definitivo e singular na relação amorosa e salvífica que Deus estabelece com o gênero humano através de seu Cristo. De fato, no composto da obra balthasariana:

a revelação e a cruz são constituintes de uma mesma unidade, e a teologia cristã encontra seu cerne, necessariamente, nessa “loucura de Deus”, que comunica sua glória (*Kabod*), sendo, pois que na entrega do Filho de Deus está presente a totalidade e a gratuidade do amor de Deus pelo mundo⁶⁰.

A experiência da morte de Deus, portanto, carrega consigo uma carga teológica incomensurável na compreensão balthasariana deste mistério. Contudo, a morte e a cruz de Jesus tomadas em exclusivo, deixam inacabada qualquer tentativa de mergulho em sua obra redentora. Esse caminho, como atestam reiteradamente os escritos neotestamentários, só fica completo no alvorecer do terceiro dia glorioso, isto é, a ressurreição. Por esta razão, o tópico seguinte deter-se-á no aspecto fundamental da ressurreição de Jesus como dado bíblico-teológico imprescindível para a esperança cristã, elementos que devem ser assimilados agora como premissas para as investigações acerca do mistério pascal que se seguirão nesta pesquisa.

1.3.2. Ressurreição e esperança cristã

Chegando no desfecho de sua obra acerca dos eventos finais da vida de Jesus, Balthasar nomeia o capítulo final dedicado ao Domingo de Páscoa como “A ida ao Pai”. Em uma análise dividida em três momentos (afirmação teológica fundamental, sobre a situação exegética e o desdobramento plástico dos aspectos teológicos), Balthasar demonstra como a aceitação histórica da ressurreição de Jesus é um evento paradigmático e impõe uma extensa e árdua reflexão exegética⁶¹.

Sobre a inexorável aporia que a ressurreição de Jesus causa na história e na reflexão humana, dada sua singularidade fenomenológica e máxima importância teológica, afirma Balthasar:

Todo o Novo Testamento é unânime em afirmar que a cruz e o sepultamento de Cristo apenas mostram toda a sua importância à luz do evento do Domingo de Páscoa, sem a qual não haveria fé cristã. Colocamos este evento sob a epígrafe “ir para o Pai”, que é joanino (Jo 16,28) e deve ser enriquecido com as restantes descrições do evento para ser compreendido plenamente: o Pai é o criador que no domingo de Páscoa completa sua obra atuando no Filho; ele, ao exaltar o Filho, conclui sua missão e a apresenta visivelmente ao mundo, enviando ao mesmo tempo ao mundo o Espírito comum a

⁶⁰ Idem. p.95.

⁶¹ Cf. BALTHASAR, H. U. *Theo-Logic*, p. 164-240.

ambos. À estrutura desse fenômeno pertence a priori ao seguinte: o fato de que este evento abrangente escape de nós (enquanto acontece no Pai na eternidade) e ao mesmo tempo a nós se revela (para que crendo possamos captar o sentido da história da salvação); quem é “supra-histórico” ou “pré-histórico” e histórico; o fato de que pode, tanto possuir a máxima certeza teológica, como fazer saltar, apesar de tudo, a forma da história mundana com seu modo de afirmação e apresentação, colocando assim os exegetas ante problemas nunca completamente solucionáveis, de maneira que se inicia “um diálogo crítico constante entre análise histórica e compreensão teológica”⁶².

De fato, a ressurreição de Jesus marca definitivamente a trajetória humana, quer em aspecto histórico, quer na perspectiva das categorias da revelação e da relação de Deus com seu povo. O Deus que cria, elege e conduz um povo à libertação na tradição veterotestamentária, agora leva a cabo o que prometera a Israel: “Assim disse Iahweh dos Exércitos. Eis que salvo o meu povo da terra do Levante e da terra do Poente. Eu os trarei de volta para que habitem no seio de Jerusalém. Eles serão o meu povo e eu serei o seu Deus em fidelidade e em justiça.” (Zc 8,7-8). Nesse sentido, Balthasar destaca como o retorno à vida de alguém que tenha passado pela morte na tradição bíblica não é fato inédito dos Evangelhos ou da pessoa de Jesus. Contudo, a Ressurreição de Jesus tem outro aspecto, uma vez que não apenas retomou a vida, mas destruiu a morte de forma definitiva, inaugurando uma nova forma de existência, já que passando pela morte livre de todo pecado, ao ressuscitar vive para sempre⁶³.

A reflexão balthasariana acerca do evento paradigmático da ressurreição de Jesus se prolonga em uma extensa e profunda análise exegética, amplamente desenvolvida em categorias cristológicas, eclesiológicas e escatológicas. Contudo, no capítulo seguinte deste trabalho dar-se-á mais espaço a estes desdobramentos do mistério pascal de Cristo. Porém, cabe ainda a exposição de um outro conceito fundamental para uma a compreensão que aqui se pretende acerca dos elementos basilares da obra de Hans Urs von Balthasar: a esperança cristã.

Fruto da experiência triunfante e salvífica da ressurreição de Jesus, a esperança dos cristãos está marcada também por uma tomada de consciência de sua participação na obra

⁶² “El Nuevo Testamento entero se muestra unánime a la hora de afirmar que la cruz y el entierro de Cristo sólo muestran toda su importancia a la luz del acontecimiento del domingo de pascua, sin el cual no habría fe cristiana. Ponemos dicho acontecimiento bajo el epígrafe “ida al Padre”, que es joánico (Jn 16,28) y debe ser enriquecido con las restantes descripciones del acontecimiento para ser comprendido plenamente: el Padre es el creador que el domingo de pascua completa su obra actuando en el Hijo; él, al exaltar al Hijo, concluye su misión y la presenta visiblemente al mundo, enviando a la vez al mundo el Espíritu común a ambos. A la estructura de este fenómeno pertenece a priori lo siguiente: el hecho de que este suceso que lo compendia todo se nos escape (en cuanto acontece en el Padre en la eternidad) y al mismo tiempo se nos revele (para que creyendo podamos captar el sentido de la historia de salvación); el que sea ‘suprahistórico’ o ‘prehistórico’ e histórico; el hecho de que puede, tanto poseer la máxima certeza teológica, como hacer saltar, pese a todo, la forma del relato mundano con su modo de afirmación y presentación, situando por ello a los exégetas ante problemas nunca solubles del todo, de manera que se entabla ‘un diálogo crítico constante entre análisis histórico y comprensión teológica’”. BALTHASAR, H. U. **Teología de los tres días**, p. 163. Tradução nossa.

⁶³ Cf. BALTHASAR, H. U. **Theo-Logic**, p. 167.

redentora de seu Messias. É nesse sentido que Balthasar contrapõe a esperança cristã à judaica, considerando que a ressurreição de Jesus rompe com a ideia do imediatismo messiânico que marcava o pensamento religioso de seu tempo, legando aos seus discípulos a missão de um anúncio contundente da redenção. Em outras palavras, ao passo que a comunidade judaica repousava sua esperança de uma realidade que vai se realizando a partir de um estado de não realização, os cristãos entendem que a plenitude já experimentada em Cristo é a base que sustenta a esperança diante dos sofrimentos e incompletudes dos homens⁶⁴.

Na mesma obra, em que trata do pluralismo cristão face as compreensões judaica, pagã, oriental e materialista acerca da verdade, Balthasar tece um diálogo com os postulados de Hegel e Marx, destacando como a passagem da teoria total do primeiro para a práxis total do segundo, indicam a fragilidade do idealismo alemão que supõe a autocriação do homem através do domínio eficaz da natureza através do trabalho⁶⁵. Acerca dessa compreensão materialista que negligencia absolutamente a dimensão transcendental do homem, afirma Balthasar:

Naturalmente, perde o seu lugar, aqui, a instância da “providência”, comum às eras antiga e cristã, com tudo aquilo que ela implica no nível da atitude existencial: a “oração” ou a “esperança” ficam deslocadas quando a total responsabilidade pelo êxito do homem, da sua história e do seu futuro recai sobre a “pré-vidência” (*prométheia*), a inteligência e a habilidade humanas⁶⁶.

É nesse sentido que a experiência cristã, marcada definitivamente pelos eventos pascais, reconhece que a salvação não é fruto dos esforços humanos, tão pouco fruto de seu trabalho. Remidos pela cruz, todo cristão deve progredir na clareza de que recebeu de forma gratuita a salvação que não merecia e não alcançaria jamais, não fosse pelo beneplácito da graça de Deus.⁶⁷ Contudo, mais do que meros receptáculos passivos da graciosa salvação oferecida pelo Pai em Jesus, “O cristão deve assumir a tarefa mundana do homem sem sucumbir à tentação prometeica; e mais, até: ele deve colaborar em uma obra redentora para o mundo e para o homem com a consciência de que ela é irrealizável neste mundo”⁶⁸.

A esperança cristã, em Balthasar, está posta nestes termos: tendo recebido a salvação que precisava, porém sem que pudesse alcançá-la por condições próprias, os cristãos reconhecem no mundo que ainda hoje são dependentes dessa mesma iniciativa divina, que segue

⁶⁴ Cf. BALTHASAR, H. U. **A Verdade é Sinfônica**, p. 141.

⁶⁵ Cf. Idem, p. 143-145.

⁶⁶ Idem, p. 144.

⁶⁷ Cf. Ef 1,3-14.

⁶⁸ BALTHASAR, H. U. **A Verdade é Sinfônica**, p. 149.

realizando sua obra salvífica entre os homens⁶⁹. Por essa razão, o cristão deve manter sua espera com a clareza de que “Ele deve planejar da melhor forma possível, mas a plena realização daquilo que foi planejado não está ao seu alcance: o Reino de Deus jamais caberá nos estreitos limites da dimensão temporal”⁷⁰.

Tratando da irrupção da salvação em Cristo em diálogo com as concepções budista e neojudaica acerca da libertação do homem, destaca o teólogo de Basiléia:

Fluência e direcionamento são algo misterioso, estatisticamente não mensurável (em uma perspectiva externa, tudo se torna ainda mais apocalíptico); este, porém, é justamente o mistério da esperança cristã: que ali onde ela verdadeiramente existe, surge, em uma dimensão profunda, um redemoinho vertiginoso. E assim, na participação fiel na Providência que a tudo engloba e que designamos como o evento de Cristo, aquele que ama, que intercede e que sofre pelo outro consegue, de modo velado, participar da condução do mundo. Em uma perspectiva cristã, a cruz é a ação mais sublime, uma vez que é ativa onde nada mais parece dar frutos.

A esperança cristã permite que a esperança pagã e a judaica se encontrem mutuamente em um ponto que ambas jamais conseguiram atingir, ao dar-lhes uma justificativa para além de si mesmas. Isso acontece porque ela própria tem a consciência de ser gerada e homologada para além de si mesma⁷¹.

É, portanto, desta maneira dialógica com outras cosmovisões que Balthasar confronta as filosofias orientais e a teologia judaica com a cruz de Jesus, “escândalo para os judeus e loucura para os gentios”.⁷² Na cruz e ressurreição estão reunidos todos os elementos fundantes da fé cristã e de lá brotam todas as razões dos cristãos para esperar a salvação enquanto ainda caminham nas dicotomias, paradoxos e desafios deste mundo.

1.4. Esperar a salvação

Tendo perpassado de forma geral e em caráter propedêutico os elementos fundamentais da teologia balthasariana, é notório observar como seu pensamento marcou o fazer teológico do século passado e, de tantas formas, ecoa e ilumina os dias de hoje. Em Balthasar, a área de maior relevância para esta pesquisa, a escatologia, está posta em chave absolutamente trinitária, uma vez que “o Deus que vem é um Deus trinitário. O destino do ser humano é a vida trinitária em Deus, que se abre ao ser humano. A verdadeira escatologia é a vida trinitária de Deus aberta em Jesus Cristo”⁷³.

⁶⁹ Cf. Idem, p. 148-153.

⁷⁰ Idem. p. 150.

⁷¹ Idem. p. 151.

⁷² I Cor 1,23.

⁷³ BRUSTOLIN, L. A. (Org). **Esperar a salvação**, p. 135.

É precisamente nessa base trinitária com a qual Balthasar tece sua escatologia, que repousa o que Brustolin chama de uma “escatologia do alto”, considerando que no pensamento de Balthasar a morte do ser humano não é o ponto de partida para a reflexão escatológica, mas o próprio Deus⁷⁴. Contrapondo esse dado com o pensamento de Karl Rahner, que defendia justamente que Deus é o totalmente outro e com quem o homem se confronta, Brustolin indica como o pensamento balthasariano está com suas bases fincadas em uma ótica teocêntrica-personalística, onde a escatologia se estabelece justamente quando a criação torna-se partícipe das realidades transcendentais, isto é, da vida intradivina⁷⁵.

Considerando, portanto, a perspectiva escatológica balthasariana, é que esta pesquisa desenvolver-se-á, buscando compreender de que maneira a teologia de Hans Urs von Balthasar pode colaborar para um olhar sobre a morte que conduza a um horizonte misterioso, capaz de dialogar com os dados recolhidos pela experiência prática da medicina paliativa. Assim, o tópico que se segue estará orientado pelo mistério pascal de Cristo como referencial fundante da esperança cristã, que não obstante os sofrimentos e a certeza da finitude, espera o dia final da Ressurreição e, através dela, a plenitude da vida humana.

⁷⁴ Cf. *Ibidem*.

⁷⁵ Cf. *Idem*, p. 136.

2. O MISTÉRIO PASCAL DE CRISTO COMO FONTE DE VIDA AOS HOMENS

Tendo perpassado os principais elementos da obra balthasariana no primeiro capítulo, de forma a compreender as bases axiológicas de sua produção, será oportuno, agora, um olhar mais acurado à temática da morte nos escritos de Balthasar.

Para este capítulo, lançar-se-á mão, fundamentalmente, de duas obras do teólogo de Basiléia: “*Mysterium Paschale*” de 1970 e “Vida a partir da morte: meditações sobre o mistério pascal” de 1984. O conjunto destas duas obras representa uma parcela considerável das reflexões feitas por Balthasar acerca da morte em sua vasta produção bibliográfica⁷⁶. Mesmo que a temática perpassasse uma série de outros escritos seus, é nessas duas edições que seu pensamento sobre esta emblemática realidade humana ganha mais destaque, razão pela qual foram elencadas aqui para uma análise pormenorizada.

Para a exposição do que se pretende nesta investigação, as obras de referência serão abordadas em vista da cronologia de suas publicações, como forma de acompanhar a progressividade do pensamento do autor. Desta forma, num primeiro momento, se fará a exposição dos elementos centrais dos cinco capítulos que compõe a obra “*Mysterium Paschale*”, e, em seguida, dos componentes fundamentais da segunda obra, “Vida a partir da morte: meditações sobre o mistério pascal”. No item final, indicar-se-á como os dados recolhidos da teologia balthasariana acerca da esperança cristã na ressurreição dos mortos iluminam, impõem e sustentam a dimensão missionária da Igreja no anúncio desta verdade de fé no mundo, marcado de tantas formas pela resistência e rejeição absoluta da morte.

2.1. *Mysterium Paschale*: a semana decisiva na história da salvação

Ao prefaciar a segunda edição desta obra em 1983, Balthasar destaca como a *Kenosis* do Filho permanecerá sempre um mistério tão insondável quanto as hipóstases da Trindade em um Deus único. E ainda mais, por muitas vezes se colocar na doutrina da *kenosis* uma ênfase tão exclusivamente na natureza humana assumida pelo Filho, ou em seu ato de assumir essa natureza – a natureza divina permanecendo inacessível a todo devir ou mudança, e mesmo a qualquer relação real com o mundo corria-se o risco de subestimar o peso das afirmações feitas nas Escrituras, e de sucumbir de uma vez tanto ao Nestorianismo quanto ao Monofisismo.

⁷⁶ Cf. BRUSTOLIN, L. A. (Org). **Esperar a salvação**, p. 05-09.

O antídoto para prevenir este risco é tomar o Jesus histórico como referência para compreender o sofrimento que mesmo no momento do abandono, permanece unido ao Pai numa visão beatífica que jamais poderia ser interrompida⁷⁷. A cruz é, portanto, um acontecimento trinitário. No evento pascal toda a Trindade está comprometida e a Revelação divina como um todo se dirige para este ponto crucial.

2.1.1. Encarnação e Paixão

Balthasar começa a exposição de sua teoria acerca do mistério pascal de Cristo estabelecendo a conexão entre a decisão da Trindade de irromper de forma determinante e paradigmática na realidade humana através da Encarnação do Verbo, isto é, da segunda Pessoa, e de sua posterior Paixão.

Essa relação Encarnação-Paixão impôs ao longo da história da teologia cristã uma série de tensões, realidade para a qual Balthasar chama a atenção desde o primeiro parágrafo da obra. Considerando a Encarnação como dado real e credível, emerge-se a questão de que a paixão não seria algo a ser dispensada, como afirmaram os discípulos de Duns Scotus ao descreverem a paixão como um acréscimo acidental em termos do objetivo principal da Encarnação, a glorificação do Pai pelo Filho que une todas as coisas em si mesmo. O contrário disto, é considerar a paixão como o centro de toda a ação reveladora, sendo a Encarnação simplesmente um meio para esse fim⁷⁸.

Ambas as posições geram problemáticas subsequentes, razão pela qual Balthasar se dispõe a deixar de lado todas as tentativas de remendo ou harmonia entre esses dois pontos de vista e mostrar que

focalizar a Encarnação na Paixão permite que ambas as teorias cheguem a um ponto onde a mente é inundada pelo mesmo pensamento perfeito: ao servir, ao lavar os pés de suas criaturas, Deus se revela mesmo naquilo que é mais intimamente divino nele, e manifesta sua glória suprema⁷⁹.

Perpassando os elementos dogmáticos, bíblicos, os postulados da Tradição e da literatura teológica, Balthasar indica como o homem, através do pecado, caiu em um abismo de sofrimento, morte e dor, do qual não teria condições próprias de se livrar. É justamente aqui que Deus tem forçosamente de colocar a ênfase nesta experiência de estar como que à ponta de

⁷⁷ Cf. BALTHASAR, H. U. **Mysterium Paschale**, p. 07-08.

⁷⁸ Cf. Idem, p. 18-20.

⁷⁹ "...focus the Incarnation on the Passion enables both theories to reach a point where the mind is flooded by the same perfect thought: in serving, in washing the feet of his creatures, God reveals himself even in that which is most intimately divine in him, and manifests his supreme glory." BALTHASAR, H. U. **Mysterium Paschale**, p. 18. Tradução nossa.

seu juízo, a fim de unir as extremidades fraturadas da existência humana, o que realmente encontramos na identidade mantida entre o Crucificado e o Ressuscitado⁸⁰.

Tendo o próprio Deus vivido a experiência última deste mundo, um mundo que, pela liberdade humana, tem a possibilidade de eximir-se da obediência a Deus e afastar-se Dele, então não é mais um Deus que julga suas criaturas de cima e de fora. Graças à sua experiência íntima do mundo, como o Encarnado que conhece experimentalmente cada dimensão do mundo e do sofrimento, Deus agora se torna a medida do homem. “O Pai, como Criador, concede ao Filho como Redentor ‘todo o julgamento’ (Jo 5,22)”⁸¹.

É nesse sentido, que Balthasar esclarece neste tópico inicial, a intersecção fundante, entre os dois momentos kenóticos por excelência, da revelação divina, isto é, Encarnação e Paixão. A cruz, ou melhor, o Crucificado, é, portanto, o termo para o qual tende toda a existência humana, seja pessoal ou social. É no Filho crucificado que toda a carga profética fundamental do Antigo Testamento é levada ao seu máximo cumprimento. Para Balthasar, deve-se dizer que neste acontecimento não se trata apenas do mundo capacitado por Deus para atingir seu objetivo (soteriologia), mas o próprio Deus que no momento da própria perdição do mundo, atinge sua mais autêntica revelação (teologia) e glorificação (doxologia)⁸².

Na morte de cruz do Filho, segunda Pessoa da Trindade, a salvação é revelada através do sofrimento do inocente por toda a humanidade. Aqui repousa ainda um profundo paradoxo, já que ao mesmo tempo em que a cruz é tomada como sinal máximo do amor por parte de Deus, ela pode ser igualmente vista como a recusa suprema do amor por parte da humanidade. Aparece nesse contexto o tema da substituição vicária que evidencia a “onipotente impotência do amor de Deus”⁸³. Segundo explica Fisichella na leitura que faz de Balthasar, Jesus morre na cruz para que ninguém depois dele possa morrer com a aprovação de Deus⁸⁴.

2.1.2. A morte de Deus como fonte de Salvação, Revelação e Teologia

No segundo capítulo da obra, Hans Urs von Balthasar se debruça com mais afinco à reflexão teológica da morte de Jesus como um verdadeiro hiato na história dos homens e da salvação. O Apóstolo Paulo afirma na carta aos Colossenses⁸⁵ o “triumfo” de Jesus sobre

⁸⁰ Cf. BALTHASAR, H. U. *Mysterium Paschale*, p. 19.

⁸¹ Idem, p. 20.

⁸² Cf. Idem, p.20.

⁸³ FISICHELLA, R. *La bellezza è la prima parola*, p. 231.

⁸⁴ Cf. Idem, p. 231-237.

⁸⁵ Cf. Col 2,14.

principados e potestades, o que Balthasar⁸⁶ interpreta como algo realizado no grito de abandono de Deus na escuridão⁸⁷, em beber o cálice e ser batizado com o batismo⁸⁸ que levam à morte e ao inferno. Nesse momento ápice de um Deus que se revela no escândalo da cruz⁸⁹, o silêncio se fechou ao redor, pois o túmulo selado também se fechará. Afirma Balthasar que “no final da Paixão, quando a Palavra de Deus está morta, a Igreja não tem mais palavras para dizer. Enquanto o grão do milho está morrendo, não há nada para colher”⁹⁰.

Mergulhando em uma reflexão acerca da teologia Paulina sobre a cruz, Balthasar afirma:

Se a teologia deve ser cristã, então só pode ser uma teologia que compreende de forma dinâmica o escândalo insuperável da Cruz. Certamente, tal teologia entenderá a Cruz como uma “crise”, mas verá a crise em questão como um ponto de virada entre o velho aeon e o novo, na tensão entre a “situação do mundo” e o “objetivo do mundo”. O que garante a conexão entre esses dois não é uma evolução imanente, mas aquela inconcebível momento entre o Sábado Santo e a Páscoa. Isso também pode ser visto muito claramente no aspecto da antropologia, uma vez que a “evolução”, não importa como se compreenda isso, jamais reunirá as duas extremidades do homem interiormente rompido, mas na melhor das hipóteses deve considerar os indivíduos humanos doentes e quebrados como constituindo o *dépassé* pré-histórico de uma humanidade que caminha para a saúde. Jesus, porém, não veio para animar os que estavam bem, mas para curar os que estavam doentes (Mc 2, 17 e paralelos). E, em todo caso, a teologia autêntica, diante da “morte de Deus” no *Triduum Mortis* é tão completamente absorvida em seu supremo objeto que não tem tempo para se perder em perguntas ociosas⁹¹.

É nesse sentido que Balthasar fala de um hiato, espaço marcado pela ação salvífica de Deus que alcança os extremos da realidade humana, reunindo tudo aquilo que fracassou pelo pecado e pela desobediência humana. Esse hiato está permeado pelo escandaloso ato da cruz, e só pode ser preenchido pela fé proclamada no Crucificado-Ressuscitado. Na presença do hiato, a lógica da teologia não pode, de modo algum, repousar sobre a continuidade (ininterrupta) da

⁸⁶ Cf. BALTHASAR, H. U. **Mysterium Paschale**, p. 43-45.

⁸⁷ Cf. Mc 15, 33-37.

⁸⁸ Cf. Mc 10, 38.

⁸⁹ Cf. I Cor 1,23ss.

⁹⁰ BALTHASAR, H. U. **Mysterium Paschale**, p. 44.

⁹¹ “If theology is to be Christian, then it can only be a theology which understands in dynamic fashion the unsurpassable scandal of the Cross. Certainly, such a theology will understand the Cross as a ‘crisis’, but it will see the crisis in question as a turning-point between the old aeon and the new, in the tension between the ‘world’s situation’ and the ‘world’s goal’. What ensures the connexion between these two is no immanent evolution, but that inconceivable moment between Holy Saturday and Easter. That can also be seen clearly enough from the side of anthropology, since ‘evolution’, no matter how one understands it, will never reunite the two extremities of interiorly ruptured man but at best must consider sick and broken human individuals as constituting the *dépassé* pre-history of a humanity progressing towards health. Jesus, however, did not come to encourage those who were well, but to cure those who were sick (Mark 2, 17 and parallels). And in any case authentic theology, faced with the ‘death of God’ in the Triduum Mortis is so thoroughly absorbed in its supreme object that it has no time to lose itself in idle questions.” BALTHASAR, H. U. **Mysterium Paschale**, p. 48. Tradução nossa.

lógica humana (e científica), mas apenas nessa “teo-lógica” estabelecida pelo próprio Deus no hiato da morte de seu Filho primogênito entre os mortos⁹².

A afirmação “O *Logos* de Deus está morto” tem por sujeito gramatical o *Logos* divino e – se é realmente o *Logos* de Deus – para seu sujeito ôntico. Contudo, afirma Balthasar, “o *Logos* de Deus é a vida eterna. Só ele pode assumir a responsabilidade da afirmação de que ele, como vida eterna, está simultaneamente morto - e morto com a morte dos malditos”⁹³.

É no desenrolar dessa reflexão teológica que fica mais uma vez evidente a fundamental conexão que Balthasar destaca e se apoia entre filosofia e teologia, fato já evidenciado na composição de sua “Trilogia”. No centro da lógica teológica está o *Logos*, entendido a partir do horizonte joanino, como *aletheia*. Com efeito, Jesus é o exegeta do Pai, mas é o Espírito que abre os olhos dos crentes para que possam perceber a verdade em sua totalidade⁹⁴.

Por fim, pode-se notar como no pensamento balthasariano, o hiato gerado na e através da cruz, revela como o conteúdo da verdade não pode ser definido pela racionalidade humana, sendo que sua natureza supera a existência histórica. Nesse ponto, a única lógica possível é a lógica do amor, pois ela não violenta o mistério, mas o acolhe e permite seu desvelamento⁹⁵.

2.1.3. Indo para a cruz: Sexta-Feira Santa

Perpassando a literatura neotestamentária e a Tradição cristã, evocando os postulados de João Crisóstomo, Anselmo, Ambrósio, Agostinho e Tomás de Aquino, Balthasar faz em seu terceiro capítulo uma rememoração do caráter deliberativo e consciente do sacrifício de Jesus. Como homem, Jesus esteve diante de Deus como um servo, ao passo que como o Filho eterno ele permanece livre em seu dom de si e decide-se por tomar sobre si as faltas do gênero humano e oferecer-se em sacrifício pleno e definitivo⁹⁶.

O caminho de Jesus à cruz é uma marca paradigmática da oblação que faz de sua vida, mas não é o primeiro gesto nessa direção. Neste ponto, Balthasar recupera a Encarnação como a premissa deste ato definitivo de amor. De fato, é na decisão de esvaziamento de si, privando-se de sua condição divina e seu respectivo poder, na *kenosis* que sustenta a Encarnação, que inicia este caminho rumo à cruz. Assim, pontua Balthasar:

⁹² Cf. BALTHASAR, H. U. *Mysterium Paschale*, p. 66-68.

⁹³ Idem, p. 66.

⁹⁴ Cf. Jo 16, 5-15.

⁹⁵ Cf. VIEIRA, R. *Von Balthasar: Teólogo em diálogo com a cultura*, p. 560.

⁹⁶ Cf. BALTHASAR, H. U. *Mysterium Paschale*, p. 70-71.

Se a pessoa que se rebaixa à condição de servo é a do Filho divino, com toda a sua existência-servil permanecendo, portanto, a expressão de sua divina liberdade, em unânime acordo com o Pai, então a obediência que determina toda a sua existência não é simplesmente uma função do que ele tem de *tornar-se* (em *homoiōmati anthrōpōn, schēmati hōs anthrōpos* e, portanto, “existência até a morte”). É também uma função do que, em seu autoesvaziamento e autorrebaixamento, ele *quis* se tornar. Ao deixar de lado a “forma de Deus” que era sua (e assim seu poder divino de autodisposição) ele quis se tornar Aquele que, de maneira notável e única, é obediente ao Pai - de uma maneira, a saber, onde sua obediência apresenta a tradução kenótica do amor eterno do Filho para o Pai “cada vez maior”⁹⁷.

Apoiando-se em uma análise comparativa e dialógica entre os Evangelhos, Balthasar vai tecendo a ideia da existência de Cristo à luz da consciência de sua paixão, mesmo que isso apareça de forma bastante distinta na redação que cada evangelista faz dentro da época e das comunidades em que cada um estava inserido. De toda forma, à luz dos Evangelhos, Balthasar define que na vida de Jesus, a cruz, que ele não antecipa e cujo conhecimento de sua hora ele deixa à discrição do Pai⁹⁸, é a medida de sua existência⁹⁹.

O modo como o Filho dá a conhecer o mistério do Pai está na decisão de assumir a natureza humana em toda a sua condição. Nas palavras e gestos de Jesus estão expressos e mediados o amor recíproco entre o Pai e o Filho e o amor entre Deus e o mundo. Especialmente em sua morte e ressurreição, a existência do Cristo, Verbo Encarnado, fornece uma imagem em movimento e interpretativo do eterno amor trinitário, juntamente com a interpretação do plano original para a criação¹⁰⁰.

Outra característica fundamental da existência de Jesus para Balthasar é a de compartilhamento. De fato, Jesus viveu uma vida integralmente ofertada, sempre em contato e a serviço, sobretudo dos marginalizados e sofredores de seu tempo. Afirma Balthasar:

A vida de Jesus é impensável sem a dimensão do “ser-com” – de fato, sem essa partilha com aqueles outros que ele livre e expressamente escolheu para esse fim (Mc 3, 13ss), levando-os ao longo de seu caminho especial enquanto ia comunicando-lhes algo de seu próprio “poder plenário” (Mc 1, 17; 3, 14-15; 6, 7). iniciando-os em seus mistérios (Mc 4, 11) - acima de tudo, os de sua Paixão (8, 31, etc.)¹⁰¹.

⁹⁷ “If the person who lowers himself to the condition of a servant is that of the divine Son, with his entire servant-existence remaining, therefore, the expression of his divine freedom, in unanimous accord with the Father, then the obedience which determines that whole existence of his is not simply a function of what he has become (in *homoiōmati anthrōpōn, schēmati hōs anthrōpos* and thus ‘existence unto death’). It is also a function of what, in his self-emptying and selfabasement, he willed to become. By letting go of the ‘form of God’ that was his (and so his divine power of self-disposal) he willed to become the One who, in a remarkable and unique manner, is obedient to the Father—in a manner, namely, where his obedience presents the kenotic translation of the eternal love of the Son for the ‘ever-greater’ Father”. BALTHASAR, H. U. **Mysterium Paschale**, p. 71. Tradução nossa.

⁹⁸ Cf. Mc 13,32.

⁹⁹ Cf. BALTHASAR, H. U. **Mysterium Paschale**, p. 70-73.

¹⁰⁰ Cf. HEALY, N. J. **The Eschatology of Hans Urs von Balthasar**, p. 190-195.

¹⁰¹ “Jesus’ life is unthinkable without the dimension of ‘being-with’—indeed, without that sharing with those others whom he freely and expressly chose out for that purpose (Mark 3, 13ff), taking them along his special way while communicating to them something of his own ‘plenary power’ (Mark 1, 17; 3, 14-15; 6, 7). initiating them

É nesse ponto que Balthasar leva sua reflexão ao aspecto eucarístico da vida, paixão e ressurreição de Jesus. Buscando na tradição joanina o relato da última ceia, Balthasar frisa como este evento paradigmático tão acentuado no curso da narrativa do quarto Evangelho, foi lido na tradição cristã sob dois aspectos distintos, ainda que não excludentes. Uma corrente que compreende esta refeição como sua autodistribuição e sua referência à promulgação de uma nova aliança (expressa através de características do ritual do Antigo Testamento), e outra que toma este evento como o último ato de serviço de Jesus, sob a mentalidade do servir que ele havia estabelecido em sua vida, agora numa perspectiva de realização escatológica¹⁰². Para Balthasar, ambas as tradições exprimem de forma integral o mistério salvífico conscientemente operado por Jesus em sua obediência irrevogável ao Pai e no cumprimento de sua missão.

O que é realmente importante é que Cristo, no fim dos tempos, de uma vez por todas, pelo seu próprio sangue, passou tanto através dos céus ao Pai (Hb 9,12) quanto para aqueles que compartilham a refeição, como a vítima do sacrifício derramou-se como libação. Se o teólogo contempla simultaneamente as consequências da *Verbum-Caro* e as implicações da forma como o sacrifício e a refeição são apresentados na liturgia do Templo e pelos profetas, as convergências entre os dois surgem diante do olho de uma forma quase a priori¹⁰³.

No decurso de sua reflexão, Balthasar se debruça ainda sobre todos os passos seguintes dos relatos evangélicos acerca da paixão de Jesus, isto é, o recolhimento isolado no Monte das Oliveiras, sua rendição diante dos soldados, seu julgamento e condenação, a crucificação, e, por fim, estabelece duas reflexões conclusivas: uma de cunho eclesiológico e outra trinitária, através das relações da cruz com a Igreja e a Trindade¹⁰⁴. Todas as questões desenvolvidas nestes tópicos são valiosas e dignas de nota sob o aspecto da consistência teológica que possuem, mas não serão aqui pormenorizadas em vista dos objetivos preteridos nesta pesquisa.

2.1.4. Indo para a morte: Sábado Santo

Nesta etapa de sua reflexão, muito semelhante ao que faz também na obra supramencionada “*Teologia dos Três Dias*”, Balthasar se detém ao próximo aspecto do mistério da paixão e morte de Jesus, isto é, sua descida ao mundo dos mortos.

into his mysteries (Mark 4, 11)—above all, those of his Passion (8, 31, etc.)”. BALTHASAR, H. U. **Mysterium Paschale**, p. 74.

¹⁰² Cf. BALTHASAR, H. U. **Mysterium Paschale**, p. 75-76.

¹⁰³ “What is really important is that Christ, at the end of the ages, once for all, by his own blood, has passed both through the heavens to the Father (Hebrews 9, 12) and into those sharing the meal, as the sacrificial victim poured out as a libation. If the theologian contemplates simultaneously the consequences of the *Verbum-Caro* and the implications of the way sacrifice and meal are presented in the Temple liturgy and by the prophets, the convergences between the two rise up to meet the eye in almost a priori fashion”. BALTHASAR, H. U. **Mysterium Paschale**, p. 77-78. Tradução nossa.

¹⁰⁴ Cf. BALTHASAR, H. U. **Mysterium Paschale**, p. 79-110.

O primeiro ponto considerado por Balthasar é que Jesus estava verdadeiramente morto porque ele realmente se tornou um homem como nós, um filho de Adão, ainda que se possa imaginar que ele não usou o breve tempo de sua morte para todas as possíveis “atividades” no mundo além. Da mesma forma como na terra ele se solidarizou com os vivos, então, no túmulo, ele se solidariza com os mortos. Deve-se consentir nessa “solidariedade” uma amplitude e uma ambiguidade, inclusive, que parecem justamente excluir uma comunicação de sua parte como sujeito. Cada ser humano encontra-se em seu próprio túmulo. E com esta condição, vista aqui do ponto de vista do corpo separado, Jesus é, a princípio, verdadeiramente solidário com todo gênero humano.¹⁰⁵

No segundo momento, Balthasar segue sua metodologia de fazer um amplo resgate da teologia bíblica acerca do assunto que discorre, trazendo à luz uma série de textos fundamentais de ambos os testamentos que corroborem com sua tese da solidariedade de Cristo ao gênero humano em sua descida ao mundo dos mortos¹⁰⁶.

Lançados os alicerces bíblico-teológicos, o autor finalmente aborda em cheio sua argumentação acerca da solidariedade na morte por parte do Cristo. Afirma Balthasar:

Um primeiro ponto de vista a ser tomado é o da solidariedade do Crucificado com todos os mortos humanos. A descrição cuidadosa, livre de todas as tendências apologéticas, do descer da Cruz, do tratamento dado ao cadáver e do sepultamento testemunha de maneira simples essa solidariedade. O corpo simplesmente deve ser colocado na terra. (Não se trata aqui de fazer uma exceção, por exemplo, por motivo de ‘incurruptibilidade’ cf. At 2, 27 e 31.) É assim implicitamente afirmado que a alma de Jesus está ‘com’ os mortos¹⁰⁷.

Nesse sentido, Balthasar descreve como a morte de Jesus, tanto quanto sua vida, significa e plenifica a realidade humana através do que ele indica com o conceito de “solidariedade”. O mesmo Jesus que desceu dos céus para a salvação do gênero humano e para o resgate dos que estavam perdidos,¹⁰⁸ alcança em sua morte também aqueles que já estavam definitivamente envolvidos pelo poder da morte e da impossibilidade de conversão.

¹⁰⁵ Cf. Idem, p. 111-113.

¹⁰⁶ Cf. Idem, p. 113-120.

¹⁰⁷ “A first vantage point to be taken up is that of the solidarity of the Crucified with all the human dead. The careful description, free of all apologetic tendencies, of the taking down from the Cross, of the treatment bestowed on the cadavre, and of the burial testifies in simple fashion to this solidarity. The body simply *must* be put into the earth. (There is no question here of making an exception, for example, by reason of ‘incurruptibility’ cf. Acts 2, 27 and 31.) It is thereby implicitly affirmed that the soul of Jesus is ‘with’ the dead.” BALTHASAR, H. U. **Mysterium Paschale**, p. 120-121. Tradução nossa.

¹⁰⁸ Cf. Lc 19,10.

Jesus desce ao *sheol*, o lugar que a tradição veterotestamentária indicará como reduto das trevas¹⁰⁹, do pó¹¹⁰, do silêncio¹¹¹, onde não pode haver alegria¹¹² e de onde homem algum poderá voltar¹¹³. É precisamente nesta realidade fundamentalmente humana que também Jesus toca após sua morte¹¹⁴. O fato de uma pessoa da Trindade assumir nossa condição humana e todos os seus limites, realiza ante os olhos humanos algo incompreensível nos ditames da lógica e da racionalidade que nos é própria. É desta forma que tudo o que foi dito e realizado por Jesus, inclusive sua descida ao *sheol*, adquire no processo da revelação uma nova dimensão. Contudo, se essa dimensão alcança o homem, ela, por sua vez, reclama sua adesão de fé: Deus é mistério e somente no âmbito da Trindade e da revelação cristã o homem é capaz de mergulhar nesta realidade insondável e, por méritos seus, inalcançável¹¹⁵.

Recorrendo aos postulados dos consagrados doutores Agostinho e Tomás de Aquino, Balthasar afirma:

Essa solidariedade última é o ponto final e o objetivo dessa primeira ‘descida’, então claramente descrita nas Escrituras, em um mundo inferior que, com Agostinho, já pode ser caracterizado, em contraste com o céu, como *infemum*. Tomás de Aquino ecoará aqui Agostinho. Para ele, a necessidade pela qual Cristo teve que descer ao Hades não está em alguma insuficiência do sofrimento que suportou na cruz, mas no fato de que Cristo assumiu todos os *defectus* dos pecadores. E como alma e corpo são adaptados um ao outro (*proportionalia*), Cristo teve que permanecer, com sua alma, no Hades enquanto seu corpo estava no túmulo, *ut per utrumque fratribus suis similaretur*. Das quatro razões que Tomás dá para a descida entre os mortos, o que ele coloca primeiro é *ut sustineret totam poenam peccati, ut sic totam culpam expiaret*. Agora a pena que o pecado do homem trouxe não foi apenas a morte do corpo. Esta foi também uma penalidade que afetou a alma, pois pecar também foi obra da alma, e a alma pagou o preço de ser privada da visão de Deus. Ainda não expiada, seguiu-se que todos os seres humanos que viveram antes da vinda de Cristo, mesmo os santos patriarcas, descenderam para o *infemum*. E assim, para assumir a toda a pena imposta aos pecadores, Cristo quis não apenas morrer, mas ir para baixo, em sua alma, *ad infernum*¹¹⁶.

¹⁰⁹ Cf. Jó 10, 21ss; 17,13; Sl 88,7.13; 143,3.

¹¹⁰ Cf. Jó 17,16; Sl 30,10; 146,4; Is 26,19; Dn 12,2.

¹¹¹ Sl 94,17; 115,17.

¹¹² Cf. Eclo 14,11-17.

¹¹³ Cf. Jó 7,9; 10,21; 14,12.

¹¹⁴ Cf. BALTHASAR, H. U. **Mysterium Paschale**, p. 121-123.

¹¹⁵ Cf. RIBARIC, S. A. **Silêncio de Deus em Hans Urs von Balthasar**, p. 77-78.

¹¹⁶ “This ultimate solidarity is the final point and the goal of that first ‘descent’, so clearly described in the Scriptures, into a ‘lower world’ which, with Augustine, can already be characterised, by way of contrast with heaven, as *infemum*. Thomas Aquinas will echo Augustine here. For him, the necessity whereby Christ had to go down to Hades lies not in some insufficiency of the suffering endured on the Cross but in the fact that Christ has assumed all the *defectus* of sinners. And since soul and body are adapted one to the other (*proportionalia*), Christ had to remain, with his soul, in Hades for as long as his body lay in the tomb, ‘*ut per utrumque fratribus suis similaretur*’. Of the four reasons which Thomas gives for the descent among the dead, the one he places first is ‘*ut sustineret totam poenam peccati, ut sic totam culpam expiaret*’. Now the penalty which the sin of man brought on was not only the death of the body. It was also a penalty affected the soul, for sinning was also the soul’s work, and the soul paid the price in being deprived of the vision of God. As yet unexpiated, it followed that all human beings who lived before the coming of Christ, even the holy ancestors, descended into the *infemum*. And so, in

É nesse sentido, portanto, da solidariedade absoluta de Cristo com a condição humana, até ao extremo dos abismos do inferno, que repousa a fé da Igreja de que Jesus foi ao mundo dos mortos e ali anunciou de forma plena e absoluta a salvação a todo o gênero humano, inclusive aos que já haviam passado pela experiência da morte e agora estavam cativos por ela. Esse dado de fé, atestado pela Igreja desde os primeiros séculos¹¹⁷, continua a marcar a escatologia cristã e é recordado nas páginas do Catecismo¹¹⁸.

2.1.5. Indo para o Pai: Páscoa

A tradição neotestamentária é unânime neste ponto: a cruz e o sepultamento de Cristo revelam o seu significado apenas à luz do acontecimento da Páscoa, sem o qual não há fundamento para a fé cristã. Mergulhando no tema essencial da Páscoa de Jesus, o drama absoluto, von Balthasar desenvolve a questão da substituição vicária, defendendo-a e reinterpretando aquela antiga definição dada por Anselmo. Numa perspectiva trinitária, vê-se a entrega do Filho de Deus na cruz como o extremo abandono do Pai, onde o Filho faz a experiência da pecaminosa distância do mundo sem Deus, sendo esta distância infinita anulada somente na diferença das hipóstases divinas. Desta maneira, só o Filho, estando nas trevas do não, tem condições para substituir ao mundo, perdendo os seus pecados, introduzindo-o na vida divina. É interessante observar, que Cristo não deseja identificar-se com o pecado do mundo, quer antes cumprir a sua missão até o fim¹¹⁹.

Na teologia cristã e, por consequência na reflexão balthasariana, os três últimos dias que marcam a vida de Jesus são o percurso que levará a esse ato definitivo em que o Pai, o Criador, agindo na Páscoa por meio do Filho, completa sua obra. O Pai, ao exaltar seu Filho, também conclui a missão do Filho, e torna o Filho visível ao mundo, enviando e distribuindo ali o Espírito que é comum a ambos¹²⁰. Neste ponto, a reflexão teológica de Balthasar do mistério pascal se desenvolve a partir de três aspectos: em sua singularidade, em sua estrutura trinitária e, por último, nas principais formas com que o Ressuscitado se manifesta e se doa¹²¹.

order to assume the entire penalty imposed upon sinners, Christ willed not only to die, but to go down, in his soul, *ad infernum*.” BALTHASAR, H. U. **Mysterium Paschale**, p. 123. Tradução nossa.

¹¹⁷ DH, n.125-126.

¹¹⁸ Cf. CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, §632-634.

¹¹⁹ Cf. SCOLA, A. **Hans Urs von Balthasar**, p. 92- 94.

¹²⁰ Cf. BALTHASAR, H. U. **Mysterium Paschale**, p. 138-140.

¹²¹ Cf. Idem, p. 139-166.

No que diz respeito à singularidade do fato, na perspectiva da Aliança e da tradição veterotestamentária, Jesus, como a Palavra viva e encarnada de Deus, é o verdadeiro Vivente. Ele é, de fato, aquele que tem vida em si mesmo por meio do Pai. Assim, é bastante lógico quando os anjos, em Lucas, perguntam às mulheres no sepulcro: “Por que procurais entre os mortos Aquele que vive?”¹²². Trata-se, segundo Balthasar, de um evento único, absolutamente inesperado, que um homem morto deva ressuscitar para uma vida que é definitiva e imortal, o que aparece como um passo além de algo já conhecido e, em certo sentido, já esperado¹²³.

O aspecto trinitário, para Balthasar é de fundamental importância para a compreensão do mistério pascal. O Pai, ao mostrar ao mundo seu Filho como Aquele que se tornou por meio dele definitivamente vivo, dá ao Filho uma espontaneidade absoluta em sua automanifestação. Até porque, se assim não fosse, o Ressuscitado seria apenas uma imagem que nos é mostrada, e não uma pessoa de fato. A liberdade do Pai, pela qual ele levanta o Filho em um ato soberano de seu senhorio, se manifesta na liberdade com que o Filho se mostra por sua própria vontade numa perfeita soberania inteiramente sua¹²⁴. Para Balthasar, “a revelação do mistério da Trindade que se realiza na medida em que é precisamente a pessoa do Filho que manifesta a pessoa do Pai, este último aparecendo nele”¹²⁵.

Finalmente, o autor centra sua reflexão nas aparições do Ressuscitado e nas razões pelas quais esses relatos são credíveis. Segundo Balthasar, os evangelistas estão unidos em atestar que foi somente com base no evento da Páscoa que os discípulos foram capazes de compreender o significado anterior da vida de Jesus e, de fato, das Escrituras como um todo. Esta afirmação é mais poderosamente confirmada pela maneira como eles derramaram a luz pascal sobre suas descrições de toda a vida de Jesus¹²⁶. Afirma Balthasar:

O que até então tinha sido, na melhor das hipóteses, suposto - e esse próprio presentimento afundou com a morte de Jesus – tirou da Ressurreição uma coerência harmoniosa nada menos que fascinante para os olhos espirituais das primeiras comunidades e conduzindo-as, na sua releitura da “Escritura”, de descoberta em descoberta¹²⁷.

¹²² Lc 24, 5. Cf. 5,23.

¹²³ Cf. BALTHASAR, H. U. **Mysterium Paschale**, p. 143-144.

¹²⁴ Idem, p.149-153.

¹²⁵ “[...] the revelation of the mystery of the Trinity which takes place in that it is precisely the person of the Son who manifests the person of the Father, the latter appearing in him”. BALTHASAR, H. U. **Mysterium Paschale**, p. 152. Tradução nossa.

¹²⁶ Cf. BALTHASAR, H. U. **Mysterium Paschale**, p. 160-166.

¹²⁷ “What had been hitherto at best dimly surmised—and that presentiment itself foundered with the death of Jesus—Drew from the Resurrection a harmonious coherence nothing short of fascinating for the spiritual eyes of the first communities and leading them, in their re-reading of ‘Scripture’, from discovery to Discovery”. BALTHASAR, H. U. **Mysterium Paschale**, p. 164. Tradução nossa.

Pode-se dizer, por fim, que os postulados de Balthasar em *Mysterium Paschale*, conduzem o leitor a um longo e profundo caminho exegético à luz dos eventos que marcaram a semana final da vida de Jesus Cristo. Em sua morte de cruz, o Filho oferece ao Pai, de uma vez por todas, o último e único sacrifício, levando a termo todas as prescrições do Antigo Testamento. Cristo é o cordeiro sem manchas que vai para o sacrifício para salvar da morte, agora não só uma raça eleita, mas a humanidade inteira. Mais ainda, promete que a morte abrirá caminhos para outro plano, para um Reino definitivo meta-histórico, para a eternidade. Portanto, à luz dos dias que compuseram a semana final da vida terrena de Jesus, aquele simples Galileu, filho do carpinteiro e de Maria, a história cristã apresenta a perspectiva no Cristo da Ressurreição: “Deus, porém, o ressuscitou no terceiro dia” (At 10,40)¹²⁸.

2.2. Vida a partir da morte

Tendo perpassado os elementos fundamentais da obra balthasariana acerca do mistério pascal, agora é o momento de dar um salto de quase quinze anos na produção e reflexão do teólogo de Basiléia. A obra “Vida Através da Morte: meditações sobre o mistério pascal”, publicada originalmente em alemão no ano de 1984, está inserida já na maturidade de suas publicações¹²⁹. Nela, Balthasar faz uma espécie de síntese, recolhendo de sua vida, e vasta obra, uma valiosa reflexão quase que “conclusiva” acerca do mistério pascal.

Por meio de profundas reflexões, o autor penetra no mistério da morte e em tudo aquilo que ela aponta em termos de vida. Ele questiona acerca do paradoxo, inerente a todo homem, de querer realizar “algo de imperecível em meio à transitoriedade”¹³⁰, apontando a tentativa de solução oferecida pelo cristianismo a esse paradoxo. Em apenas três capítulos e em poucas laudas, Balthasar oferece nesta obra um verdadeiro referencial para esclarecer de que forma a certeza da finitude humana, portanto da morte, pode e deve ser iluminada pelo mistério pascal de Cristo, oferecendo ao cristão consciente e verdadeiramente disposto ao seguimento de Jesus, o amparo de sua fé.

A obra está construída a partir de uma ascensão cronológica e mistérica: na primeira parte, intitulada “Vida rumo à morte”, Balthasar posiciona o leitor no dinamismo próprio da vida humana que reconhece a morte como único fato irrevogável de sua existência. No segundo

¹²⁸ Cf. SANTOS, P. M. S. **A Teologia da História: aspectos fundamentais**, p. 417-418.

¹²⁹ Hans Urs von Balthasar viveu a sua Páscoa em 26 de junho de 1988 na Basiléia, Suíça, aos 82 anos.

¹³⁰ BALTHASAR, H. U. **Vida através da morte**, p. 12.

momento, “Vida a partir da morte”, o autor desenvolve a parte mais ampla de sua reflexão, iluminando com o Mistério Pascal de Cristo a experiência pascal de cada homem. Por fim, na terceira e última parte, “Unidade através da morte”, Balthasar faz uma pequena e profunda reflexão acerca da comunhão dos Santos, à luz das notas eclesiológicas que marcaram sua produção teológica.

Os pontos que seguem, portanto, buscam ressaltar nesta obra os elementos fundamentais para a compreensão do mistério da morte na perspectiva cristã, base indispensável para as conexões que se pretendem estabelecer nesta pesquisa entre a sistemática balthasariana e a medicina paliativa.

2.2.1. Vida rumo à morte: a busca de uma direção que dignifique a existência

O ser humano nasce e vive em meio a contradições. Esta afirmação categórica, tão presente em inumeráveis páginas da filosofia ao longo da história, de alguma forma indica a premissa com que Balthasar vai tecer sua reflexão na primeira parte desta obra. Seguindo o rigor de uma progressão cronológica em sua redação, o autor começa justamente do nascimento dos bebês, momento em que comporta o primeiro choque com uma realidade absolutamente estranha e desconfortável ao homem¹³¹. Passando por considerações acerca da infância e da puberdade, incluindo as primeiras experiências amorosas, o autor considera que uma das maiores causas da angústia humana é o desejo de *realizar* algo, uma vez que “o homem quer criar algo de permanente, que sobreviva ao tempo, afirmando algo de definitivo, que seja a expressão de seu caráter único e singular”¹³².

É nesse horizonte que a transitoriedade marca de forma tão dramática a existência humana, já que, segundo Balthasar, nenhum homem anseia deixar uma marca completa, com as notas de sua identidade e essência no transitório e efêmero. Neste ponto, ele busca na experiência do casamento um exemplo fecundo para ilustrar sua reflexão. A promessa de amor por toda a vida feita pelos noivos está inserida na contradição de selar algo definitivo dentro dos limites próprios da temporalidade, uma vez que, esta promessa é feita sob a consciência de ambos de que em algum momento um dos dois morrerá antes do outro¹³³.

¹³¹ Cf. BALTHASAR, H. U. **Vida a partir da morte**, p. 09-10.

¹³² Idem, p. 10.

¹³³ Cf. Idem, p.11-13.

Contudo, seguindo o pensamento balthasariano, no interior desse paradoxo existe algo necessário e até mesmo fecundo. Encarar a contradição da existência é uma atitude quase que natural ao homem que se dá conta de sua finitude, nos termos de Balthasar “É justamente porque eu me reconheço livre para uma escolha, para uma obra, para o amor de uma pessoa, afirmo a consciência acerca da singularidade da minha vida finita¹³⁴”.

Até este ponto de suas considerações, Hans Urs von Balthasar não está se dispondo a fazer propriamente teologia cristã, mas tocando muito mais as notas do pensamento existencialista amplamente presentes no contexto de seus dias, isto é, o dramático século XX. Considerando as reações políticas, culturais e ideológicas das duas guerras mundiais do século passado, destaca o historiador Urbano Zilles:

Contra a filosofia das ideias (idealismo) e a filosofia das coisas (materialismo), depois da Primeira Guerra Mundial, reagem as chamadas filosofias da existência, do personalismo, do diálogo, para mostrar que o homem não é uma coisa, mas alguém. Não deveria a filosofia exercer uma função humanizadora no crescente processo de coisificação do homem? ¹³⁵.

Nesse sentido, fica sobressaltada a importância do homem, imerso e consciente de sua finitude, encontrar uma direção que lhe ajude a mirar um horizonte que dignifique sua vida. Aqui, uma consideração importante do autor é a fundamental entrega a si mesmo como iniciativa primeira de quem deseja algo de definitivo na vida, seja um amor ou um projeto¹³⁶.

No universo das angústias existências que a consciência da transitoriedade da vida pode causar, Balthasar destaca o valor inestimável de um maduro processo de autoconhecimento e de uma conseqüente decisão, em atitude de abandono, por um projeto de vida. A capacidade de escolher em meio às múltiplas possibilidades do existir dignifica a vida humana. Além disso, é na capacidade de entrega autêntica a algo ou alguém que está, para Balthasar, o princípio de toda realização¹³⁷. É aqui que seu aceno à morte começa a tomar enlevos mais teológicos, ao afirmar que “Na morte, seremos conduzidos automaticamente, de modo inexorável, à plena serenidade, pois seremos ordenados a abandonar todas as coisas, inclusive a nós mesmos”¹³⁸.

Os desconcertos causados pela morte e a tentativa de superá-los, evitá-los, ou mesmo negá-los, foram alvo de muitos esforços filosóficos antes da era cristã. Balthasar recorda os

¹³⁴ Idem, p.13.

¹³⁵ ZILLES, U. **Panorama das filosofias do século XX**, p. 13.

¹³⁶ Cf. BALTHASAR, H. U. **Vida a partir da morte**, p. 15-16.

¹³⁷ Cf. Ibid, p.16-18.

¹³⁸ Ibid, p.17.

ensinamentos atribuídos a Sócrates, os postulados da sabedoria oriental, a corrente estoicista e o pensamento socrático-platônico que depois permeará o Iluminismo e o Idealismo alemães¹³⁹. Contudo, entende que todas essas alternativas estão permeadas de uma ideia de serenidade que relativiza a morte como evento paradigmático e a neutraliza enquanto horizonte capaz de impelir uma vida verdadeiramente engajada numa causa que a dignifique. Por isso, refuta todas essas alternativas:

Essa interpretação variada e, todavia, concêntrica, da serenidade é o mais obstinado inimigo não apenas do cristianismo, mas da humanidade verdadeira, como um todo, uma vez que, aplicada seriamente, paralisa todo e qualquer engajamento na vida mundana e transitória, tanto na ação quanto na relação amorosa¹⁴⁰.

E conclui de forma categórica:

Não está ainda claro, porém, de que maneira se pode escapar dessa interpretação, ou, dito de outra forma, como é possível unir engajamento e serenidade. Esse é um questionamento ao homem enquanto tal, uma questão humanista. No entanto, **uma resposta satisfatória nos é dada apenas através da leitura cristã da vida**¹⁴¹.

2.2.2. A pessoa e missão de Cristo como fundamentos da vida humana

A vida e obra de Jesus de Nazaré são os horizontes da vida cristã, porquanto o cristão é precisamente aquele que, como instrui o Apóstolo Paulo, imita a Cristo¹⁴² em sua conduta e escolhas. É nesse horizonte, que Balthasar retoma de forma muito mais sintética e objetiva o que postulou de forma mais sistemática em “*Mysterium Paschale*”: é na morte oblativa de Jesus na cruz que se pode compreender sua autoentrega e irrestrita obediência à vontade do Pai. Aqui está a relevância da compreensão do conceito de *missão* para a cristologia balthasariana¹⁴³.

Como homem verdadeiro, o Filho de Deus veio ao mundo com uma missão absoluta que significou toda sua vida e, por sua Páscoa, também a de todos os homens da história. Balthasar afirma que “Jesus se encontra, portanto, exatamente como todo homem, na situação contraditória de ter de realizar algo de definitivo na transitoriedade”¹⁴⁴. É aqui que sua cristologia amplamente desenvolvida ao longo de suas obras anteriores se encontra com as reflexões que propõe nesta produção mais sintética.

¹³⁹ Cf. Ibid, p.17-19.

¹⁴⁰ Ibid, p.19.

¹⁴¹ Ibid. Grifo nosso.

¹⁴² Cf. Ef 5,1-13.

¹⁴³ Cf. BALTHASAR, H. U. **Vida a partir da morte**, p. 22-25.

¹⁴⁴ Cf. Ibid, p. 23.

Em sua missão redentora, Jesus não oferece algo ao Pai, mas a si mesmo, com todos os constituintes de sua existência. Revestido das mesmas fragilidades e limites dos homens, à exceção do pecado, Jesus não reservou nada para si, mas toda sua vida se consolidou em termos de oferta, acolhida do outro, doação de si até a oblação final do evento da Paixão. É aqui que, não obstante todas as semelhanças com o gênero humano advindos da Encarnação, Jesus diferencia-se de todos nós e se coloca como horizonte almejado¹⁴⁵, meta a ser perseguida por todo aquele que busca plena realização de vida:

Ao longo de sua vida, ele já havia realizado a total entrega ao Pai, mas na morte ele realizou essa entrega no interior do nosso medo, de nossa incapacidade, de nossa inexpugnável falta de vontade, e tudo isso não para si, mas para nós, de um modo tal que, no mesmo ato, transferiu para nós, eucaristicamente, toda a sua realização. [...] A Luz que brilha nas trevas que não a compreende, não compreende mais a si mesma, no interior dessas trevas; no fato de ela continuar a brilhar está a sua irrevogável obediência ao Sol paterno. Ele se coloca nas mãos do Pai, que para ele se tornaram imperceptíveis¹⁴⁶.

Fazendo uma série de menções ao mundo das artes cênicas e plásticas, fato que recorda sua obra magna *Trilogia*, Balthasar constrói um caminho teológico que o tempo todo aponta para o belo e destaca como a morte, em Cristo, faz do homem partícipe da criatividade do Pai e insere o homem na potência do convívio com Deus. Apontando para os postulados do alemão Johann W. Goethe, Balthasar destaca como o autor compreendia a vida eterna como a instância máxima do poder criativo humano, já que as pessoas só alcançam a felicidade aqui nesta realidade imanente ao passo que produz, oferece e realiza. Para Balthasar, a entrega absoluta da natureza humana na morte de Cristo liberta e conduz à perfeição as possibilidades de amar e criar, que já aqui, os homens ansiaram, e só na eternidade serão levadas à sua máxima potência¹⁴⁷.

Na mesma perspectiva de suas outras obras acerca do mistério pascal, Balthasar tece sua reflexão sempre na metodologia dos três dias finais da vida de Jesus, destacando que após a Paixão, a Ressurreição não se dá de imediato, mas é necessária a descida à mansão dos mortos. É de lá, da realidade onde não mais os homens podem louvar a Deus¹⁴⁸, que o Pai demonstra todo seu poder de infundir novamente a vida àqueles que jazem na escuridão da morte. De forma livre, soberana e exclusiva de sua natureza, independente dos méritos ou particularidades

¹⁴⁵ Cf. Fl 2,5-8.

¹⁴⁶ BALTHASAR, H. U. **Vida a partir da morte**, p. 24-25.

¹⁴⁷ Cf. Ibid, p. 26.

¹⁴⁸ Cf. Sl 6,6.

da vida que se foi, apenas Deus “faz viver os mortos”¹⁴⁹, realizando em Cristo e por Cristo a marca fundamental da Aliança: vida a partir da morte¹⁵⁰.

É neste ponto que repousa as notas fundamentais desta pesquisa. Na experiência completa de Jesus Cristo das realidades humanas até o ponto culminante e inflexível da morte, todas as vicissitudes da existência dos homens são assumidas por Deus, fazendo da Ressurreição o ato definitivo e significativo da vida dos homens e mulheres de todos os tempos. No Ressuscitado, afirma Balthasar, tudo o que é Deus apresenta-se de forma mais divina e tudo o que é humano surge de forma mais humana, de forma concomitante, plena e inseparável¹⁵¹.

Por fim, cabe destacar ainda como os elementos do pensamento balthasariano estão em absoluta comunhão com o *depositum fidei*, já que toda sua teologia ecoa não apenas as verdades reveladas na experiência bíblica, mas conserva a Tradição dos dois milênios que marcam o anúncio daqueles que tem se somado aos Apóstolos como testemunhas da ressurreição¹⁵². De fato, todo o postulado de Balthasar acerca da esperança cristã enraizada na fé no Ressuscitado nasce de sua própria experiência de vida e de fé, que nas palavras de seu amigo e companheiro de trabalho Joseph Ratzinger¹⁵³, “quem quer que fale com Deus não morre. O amor de Deus dá a eternidade¹⁵⁴”.

2.3. Esperança que move a vida à missão

A paradigmática experiência da morte e ressurreição de Jesus é o que marca toda a tônica do anúncio evangélico e o impulso missionário lido nos Atos dos Apóstolos. Para Balthasar, a Igreja se constitui por aqueles que creem em Cristo e assumem sua missão. Contudo, mesmo no seio da comunidade, isso só se dá com base nos compromissos individuais, trata-se de assumir autenticamente as funções na comunidade e basear-se nos apelos do Ressuscitado¹⁵⁵.

¹⁴⁹ Rm 4,17.

¹⁵⁰ Cf. BALTHASAR, H. U. **Vida a partir da morte**, p. 31-35.

¹⁵¹ Cf. Idem, p. 36.

¹⁵² Cf. At 1,22

¹⁵³ Em 1972, junto a Henri de Lubac e Joseph Ratzinger, Balthasar funda a Revista Teológica Internacional *Communio*, publicada em vários idiomas, sendo ele um fiel colaborador. Cf. COMMUNIO, **Nota histórica**. Disponível em <http://www.revistacommunio.com/institucional.php?id=8>. Acesso em 15 de abril de 2022.

¹⁵⁴ RATZINGER, J. **A grande esperança**, p. 75.

¹⁵⁵ Cf. BALTHASAR, H. U. **Vida a partir da morte**, p. 43-44.

Compreendendo a Igreja como sacramento de salvação, como aponta o Concílio Vaticano II¹⁵⁶ e o Catecismo¹⁵⁷, nota-se que levado a rigor, o conceito de sacramento tem sua origem na palavra grega *mysterion*, que teve como sua tradução as palavras latinas *mysterium* e *sacramentum*, que por sua vez, expressa mais o sinal visível de uma realidade invisível da salvação, e esta realidade invisível identifica-se assim com a palavra *mysterium*. Nisto, entende-se então, que Cristo é o verdadeiro mistério da salvação¹⁵⁸. A Igreja por sua vez, é oportunamente designada sacramento, pois expressa a realidade imanente daquele que é transcendente.

É digno de nota o fato de que na Igreja existem duas realidades ou dimensões que se cruzam, podendo afirmar que a Igreja é uma realidade complexa, com dupla orientação, uma humana e outra divina. Isto posto, entende-se que a Igreja pode ser tratada como sacramento, pois é o “sinal e instrumento da união íntima com Deus e da unidade de todo o gênero humano”¹⁵⁹. Ela é convocada por Deus para exercer esta função, levando a todas as nações o evangelho, que é o próprio Cristo, podendo ainda completar que a Igreja não salva, mas tem a missão de levar a salvação, de apresentar a todos o único e verdadeiro salvador que é o Cristo Jesus.

Nesse sentido, Balthasar destaca como os cristãos que assumem o compromisso que a fé lhes impele, lançam-se em um mundo marcado pelas “animosidades e planos homicidas”¹⁶⁰, o que “parece evidente àquele que os envia, uma vez que eles o seguem e não podem esperar outro destino diferente do seu”¹⁶¹. É assim que se constata o risco eminente de morte a todos que se decidem por anunciar o autor da vida¹⁶².

Recorrendo aos relatos dos Atos dos Apóstolos, permeados de perseguições, encarceramentos e martírios dos primeiros cristãos, Balthasar destaca como a mortificação das coisas terrenas é condição fundamental para a experiência plena das realidades transcendentais. Conectando sua cristologia com suas ponderações eclesiológicas, afirma Balthasar:

Tanto mortos como ressuscitados, em ambos os casos somos obrigados à mortificação do que é puramente terreno, e a uma vida na missão de Cristo, que é sempre uma vida eucarística. A Sexta-Feira Santa, junto com o Sábado Santo da morte, assim como a

¹⁵⁶ Cf. Constituição Dogmática *Lumen gentium*, n.1-17.

¹⁵⁷ Cf. CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, § 774-776.

¹⁵⁸ Cf. Idem, § 774.

¹⁵⁹ *Lumen gentium*, n.1.

¹⁶⁰ BALTHASAR, H. U. **Vida a partir da morte**, p. 45.

¹⁶¹ Idem.

¹⁶² Cf. Jo 15,20; 16,33; Mt 10,25; 19,29.

Páscoa, junto com a Ascensão ao Pai, estão, no fim das contas, tanto na vida da Igreja quanto na vida do fiel individual, inextricavelmente entremeados¹⁶³.

Identifica-se assim, como a consciência plena dos riscos do discipulado não apenas se impõe ao fiel cristão, como deve impelir sua missão, ao invés de contê-lo. A firme esperança na ressurreição de Jesus demonstra-se como a única forma de consentir um caminho de seguimento que possa levar igualmente à morte e à abnegação, na certeza de que também aos homens fiéis a Ele, o Pai ressuscitará dentre os mortos como fez com Jesus¹⁶⁴.

Por fim, é nesta firme certeza que move a vida do cristão, sempre chamado a dar as “razões de sua esperança”¹⁶⁵, que a experiência cristã pode colocar-se no mundo como um sinal de vida diante das estruturas de morte que marcam a existência humana de tantas maneiras, testemunho este que só pode ser estabelecido de forma comunitária e nunca deixando-se levar pelo risco do individualismo¹⁶⁶. Nesse sentido é que os postulados balthasarianos, em plena comunhão com a profissão de fé da Igreja, demonstram um potencial dialógico com as constatações advindas da experiência da medicina paliativa, que de forma tão concreta toca os limites da vida humana e os dramas próprios da inevitável hora da morte. O capítulo que segue estará dedicado a este diálogo e levará a termo as pretensões objetivadas nesta pesquisa.

¹⁶³ BAHASAR, H. U. **Vida a partir da morte**, p. 46.

¹⁶⁴ Cf. Rm 8,11.

¹⁶⁵ I Pd 3,15.

¹⁶⁶ Cf. BENTO XVI, Papa. **Spe Salvi**, n.13-23.

3. A TEOLOGIA BALTHASARIANA EM DIÁLOGO COM A MEDICINA PALIATIVA

A experiência teológica jamais prescinde do dado antropológico. Segundo o bispo e teólogo italiano, Bruno Forte, o ser humano tem natureza exodal justamente por estar em constante movimento em direção ao transcendente, de forma que sua ânsia pelo divino não é apenas uma condição posta de sua essência, mas é simultaneamente a mola propulsora de seu caminhar histórico. Incompleto em sua condição, o homem lança-se sempre em busca de uma realidade maior que seja capaz de preencher e significar sua existência, fazendo das sendas da história o trilho de sua busca por um plano superior capaz de ser perfilado ao seu, a fim de completá-lo e, assim, elevá-lo¹⁶⁷.

Esse movimento exodal da humanidade seria vazio e frustrante se não fosse precedido por uma iniciativa divina de manifestar-se, deixando-se encontrar pelos que se dispuserem a buscar. Nesse sentido é que o advento de Deus se dá por meio de sua revelação histórica, em que sua condição divina permite-se tocar a realidade humana em todas as suas manifestações e limitações próprias. É precisamente nesse encontro entre tão distintos interlocutores que a teologia ganha seu espaço de mediadora e tradutora de tão insigne e profundo diálogo¹⁶⁸.

Nesse sentido, a experiência kenótica da Encarnação marca profundamente a participação de Deus nas mais absolutas e adversas realidades humanas, o que inclui o sofrimento, a dor e a morte. De fato, Jesus experimentou amplamente os dilemas humanos sem reivindicar as benesses ou possibilidades que sua divina condição lhe permitiria, sempre comportando-se como ser, simplesmente humano, próximo dos últimos e servidor de todos¹⁶⁹.

Essa realidade já amplamente considerada na obra balthasariana, como exposto anteriormente, permite que agora se lance um olhar para aquilo que é o norte fundamental desta pesquisa: uma reflexão acerca da morte a partir de lentes dialógicas entre teologia e os postulados da medicina paliativa. De fato, nos termos de João Batista Libânio, trata-se agora do fazer teologia¹⁷⁰, partindo de uma das experiências mais fundamentais da existência humana, a morte. Recorrendo-se ao universo conceitual-teológico para iluminar as situações concretas e existenciais que marcam a vida dos homens.

¹⁶⁷ Cf. FORTE, B. **Teologia em diálogo**, p. 37-64.

¹⁶⁸ Cf. Idem.

¹⁶⁹ Cf. CASTILLO, J. M. **Jesus: a humanização de Deus**, p. 186-188.

¹⁷⁰ Cf. LIBÂNIO, J. B.; MURAD, A. **Introdução à teologia: perfil, enfoques, tarefas**, p. 213- 216.

Nesse capítulo, portanto, abordar-se-á o que se entende pelo conceito de cuidados paliativos; a influência da espiritualidade nesse processo e como os relatos da experiência médica de Ana Cláudia Quintana Arantes podem ser postos diante dos postulados teológicos de Hans Urs von Balthasar, de forma que se iluminem mutuamente. Ao término do capítulo, chegar-se-á ao ponto nefrágico da pesquisa, que é a compreensão da fé em Jesus Cristo como dado significativo tanto para a teologia sistemática quanto para a medicina paliativa, sendo justamente aí o espaço em que morte e sofrimento abrem o caminho para a plenitude da vida, e não para a angústia e o desespero.

3.1. Cuidados Paliativos

Os cuidados paliativos surgiram oficialmente como prática distinta na área da atenção em saúde na década de 1960, no Reino Unido, tendo como pioneira a médica Cicely Saunders. Além de médica, Saunders exercia também as funções de assistente social e enfermeira, e foi pioneira no movimento dos cuidados paliativos, cuja proposta englobava não apenas a assistência ao paciente, mas também o ensino e a pesquisa. A criação do St. Christophers Hospice, em Londres, em 1967, é um marco importante nesta trajetória¹⁷¹.

Na década de 1990, a Organização Mundial da Saúde (OMS) definiu pela primeira vez para 90 países e em 15 idiomas o conceito e os princípios de cuidados paliativos, reconhecendo-os e recomendando-os. Naquela ocasião, a definição e aplicação do conceito estava voltada exclusivamente para os portadores de câncer, destacando e solicitando uma assistência integral a esses pacientes, considerando que muitos destes diagnósticos conduziram os pacientes ao final de suas vidas. Junto com a prevenção, diagnóstico e tratamento, os cuidados paliativos passaram a ser considerados um dos pilares básicos da assistência ao paciente oncológico¹⁷².

Anos mais tarde, em 2002, o conceito foi revisto e ampliado, incluindo a assistência a outras doenças como Aids, doenças cardíacas e renais, doenças degenerativas e doenças neurológicas. Em 2004, um novo documento publicado pela OMS, *The solid facts - Palliative Care*, reitera a necessidade de incluir os cuidados paliativos como parte da assistência completa à saúde, no tratamento a todas as doenças crônicas, inclusive em programas de atenção aos idosos. Finalmente, o conceito atual da OMS amplia o horizonte de ação dos cuidados

¹⁷¹ Cf. MATSUMOTO, D. Y. **Cuidados Paliativos: conceito, fundamentos e princípios**, p. 23-30.

¹⁷² Cf. WHO, 2007. Disponível em: http://whqlibdoc.who.int/publications/2007/9241547345_eng.pdf. Acesso em 20 maio de 2022.

paliativos, podendo ser adaptado às realidades locais, aos recursos disponíveis e ao perfil epidemiológico dos grupos a serem atendidos:

Cuidados Paliativos são uma abordagem para melhoria da qualidade de vida de pacientes e familiares que enfrentem uma doença ameaçadora da vida, através da prevenção e do alívio do sofrimento, através da identificação precoce e impecável avaliação e tratamento da dor e outros problemas, físicos, psicossociais e **espirituais**¹⁷³.

É digno de nota o fato de que o conceito aborda o ser humano em caráter integral, considerando a multiplicidade de sua existência e não somente os aspectos biológico e clínico. Ora, essa consideração da OMS, ainda que sem nenhuma pretensão de fazê-lo, acaba por concordar com o que Castillo indica quando assegura que a saúde humana e tudo o que a compõe e influencia, estiveram no mais alto grau de interesse da vida, das ações e palavras de Jesus, que passava curando por toda parte (Cf. Mt 9,35)¹⁷⁴.

Destarte, a teologia balthasariana se debruça sobre esse aspecto do cuidado quando o próprio Jesus se sente abandonado na narrativa evangélica de sua prece no Horto das Oliveiras, na eminência de sua morte¹⁷⁵. Balthasar afirma:

No abandono, desaparece qualquer vislumbre de significado; apenas a pergunta e o grito são ainda possíveis. O caminho leva a um beco sem saída. [...] A Luz, que brilha nas trevas que não a compreendem, não se compreende mais a si mesma no interior dessas trevas; no fato de ela continuar a brilhar está a sua irrevogável obediência ao Sol paterno. Ele se coloca nas mãos do Pai, que para ele se tornaram imperceptíveis¹⁷⁶.

É, portanto, na experiência última da vida, nas vésperas do findar da sua existência terrena, que o homem anseia por mãos que lhe socorram, presenças que lhe tragam segurança, olhares que tranquilizem o espírito. Para Balthasar, é precisamente nesse momento da angústia e sentimento de abandono por Deus que os homens são amparados por suas mãos paternas e socorridos por sua ternura¹⁷⁷. No sofrimento humano, o próprio Jesus torna-se a referência de cuidado com o que sofre, até porque, o Reino de Deus se estabelece, antes de tudo, no “curar as enfermidades, aliviar sofrimentos, dar vida”¹⁷⁸.

3.2. A espiritualidade nos cuidados paliativos

Tendo perpassado a ideia que constitui a proposta dos cuidados paliativos e sua importância no processo de saúde integral dos indivíduos, cabe agora um aceno sobre a

¹⁷³WHO- World Health Organization. **Definition of Palliative Care**. 2020. Disponível em: www.who.int/cancer/palliative/definition/en. Acesso em 01 junho 2022. Tradução nossa. Grifo nosso.

¹⁷⁴ Cf. CASTILLO, J. M. **Jesus- a humanização de Deus**, p. 302-322.

¹⁷⁵ Cf. Mt 24, 1-31; Mc 13,1-27; Lc 21, 5-36.

¹⁷⁶ BALTHASAR, H. U. **Vida a partir da morte**, p. 25.

¹⁷⁷ Cf. Idem, p. 25-28.

¹⁷⁸ CASTILLO, J. M. **Jesus- a humanização de Deus**, p. 314.

relevância que a comunidade científica dá à questão da espiritualidade nesse itinerário. São numerosos os artigos publicados em revistas especializadas da área da saúde acerca do assunto, além de uma significativa recorrência do tema na literatura médica das últimas décadas¹⁷⁹, quando se popularizaram os *hospices*¹⁸⁰ ao redor do mundo.

Ainda que não seja uma compreensão unânime, uma larga maioria das fontes consultadas nas publicações brasileiras sobre a questão indicam um consenso da comunidade científica sobre a importância da espiritualidade ou religiosidade dos pacientes para o enfrentamento da dor e do sofrimento¹⁸¹. Segundo Cervelin e Kruse, o bem-estar espiritual dos pacientes em situação terminal costumam estar associados a menores índices de depressão, ideias suicidas, desesperança, desejo de antecipação da morte e crises de ansiedade¹⁸². Além disso, segundo um artigo que publicaram em 2014, “parece que o envolvimento religioso positivo e espiritual está associado a uma vida mais longa e saudável e a um sistema imunológico mais eficaz”¹⁸³.

As publicações destacam o quão oportuno é a prática do profissional em colher uma história espiritual do paciente antes de começar a apoiá-lo nas suas necessidades espirituais, considerando que as questões espirituais e religiosas dos pacientes devem ser abordadas no início do acompanhamento, para que medidas necessárias sejam tomadas a fim de resolver questões tanto do paciente como de sua família. Referem que os “profissionais da saúde deveriam colher uma história espiritual de todos os pacientes com doenças sérias, crônicas e

¹⁷⁹ A título de exemplo, consulte-se: ARRIEIRA, I. C. O; THOFERN, M. B; PORTO, A. R; AMESTOY, S. C; CARDOSO, D. H. **Espiritualidade e o processo de morrer: reflexões de uma equipe interdisciplinar de cuidados paliativos**. Av Enferm 2016; 34(2), p.137-147. <https://doi.org/10.15446/av.enferm.v34n2.38144>. PRADO, R. T; LEITE, J. L.; CASTRO, E. A. B; SILVA L. J; SILVA, I. R. **Desvelando os cuidados aos pacientes em processo de morte/morrer e às suas famílias**. Rev Gaúcha Enferm 2018;39(0):17-111. <https://doi.org/10.1590/1983-1447.2018.2017-0111>. MOREIRA, A. A; PINSKY, I.; ZALESKI, M.; LARANJEIRA, R. **Envolvimento religioso e fatores sociodemográficos: resultados de um levantamento nacional no Brasil**. Rev Psiquiatr Clín 2010;37(1):12-15. <https://doi.org/10.1590/S0101-60832010000100003>.

¹⁸⁰ “Os serviços de Cuidados Paliativos podem ser providos em diferentes modelos: hospitais exclusivos (tradução em português para o termo *hospice*), enfermarias em hospitais gerais, Equipe interconsultora, Ambulatório, Assistência Domiciliar, Hospedarias e Hospital-Dia. Galriça Neto (2010) recomenda que não há um modelo único e ideal para a prestação dos cuidados, devendo esse ser determinado com base nas necessidades e recursos locais. Entretanto, a existência de equipes de referência e de equipes de apoio ou suporte é fundamental, bem como a necessidade de formação de todos os profissionais de saúde para prestar medidas paliativas básicas, denominadas ações paliativas”. GOMES, A. L. Z.; OTHERO, M. B. **Cuidados Paliativos**, p.161.

¹⁸¹ A título de exemplo, consulte-se :PERES, J. F. P.; SIMÃO, M. J. P.; NASELLO, A. G. **Espiritualidade, religiosidade e psicoterapia**. Revisões da Literatura. Arch. Clin. Psychiatry (São Paulo) 34 (supl 1), 2007. <https://doi.org/10.1590/S0101-60832007000700017>. DOMINGUES, G. R.; ALVES, K. O.; CARMO, P. H. S.; GALVÃO, S. S.; TEIXEIRA, S. S; BALDOINO, E. F. **A atuação do psicólogo no tratamento de pacientes terminais e seus familiares**. Psicologia Hospitalar, 2013;11(1), p.2-24. LANGARO, F. **Influências da espiritualidade em pessoas em processo de luto antecipatório**. Av Enferm 2018;1(1), p.139-155.

¹⁸² Cf. CERVELIN, A. F.; KRUSE, M. H. **Espiritualidade e religiosidade nos cuidados paliativos: conhecer para governar**, p. 136-142.

¹⁸³ Idem, p.138.

quando da perda de pessoas amadas”¹⁸⁴. Afirmam ainda que, durante a anamnese religiosa/espiritual, devem ser abordados “possíveis conflitos com o Criador, religiosos, familiares, pendências com relação a ritos, sacramentos, obrigações e promessas, perda do significado maior da existência”¹⁸⁵.

Segundo Koenig, situações em que os profissionais da saúde realizam uma breve oração junto aos seus pacientes declaradamente religiosos ou possuidores de alguma espiritualidade, podem representar uma das mais poderosas intervenções psicossociais feitas pelo profissional. Considera ainda, que um dos motivos pelos quais os profissionais de saúde devem conversar com os pacientes sobre suas necessidades espirituais é que a religião influencia na capacidade do usuário de enfrentar a doença¹⁸⁶. Neste sentido, a oração seria como que a respiração da alma.

O mesmo autor realizou uma pesquisa com 205 pacientes oncológicos e indicou as relações entre sintomas depressivos e tempo de sobrevivência (até dez anos). Segundo Koenig, os sintomas depressivos eram mais consistentes com o indicador psicológico de tempo de sobrevivência reduzido. Suas conclusões chegam em evidências de uma maior prevalência de malignidades linfáticas e hematológicas, melanomas e câncer respiratório em pais que perderam filhos adultos em acidentes trágicos ou na guerra, por exemplo¹⁸⁷. Uma série de estudos anteriores e mais recentes relatam que desamparo, desesperança e fatalismo aumentam o risco de recorrência de câncer e reduzem a sobrevivência em pacientes com câncer de mama¹⁸⁸.

É nesse sentido, portanto, que estabelecer relações diretas e indiretas entre a realidade espiritual dos pacientes portadores de graves diagnósticos com a evolução de seus quadros clínicos não apenas é possível, como já amplamente realizado na própria comunidade científica. A literatura médica debruça-se com atenção a este dado que não pode ser prescindido na reflexão teológica, uma vez que é próprio do teólogo colocar-se ao lado de seus contemporâneos, ouvindo suas dores, angústias, esperanças e depois indicar-lhes aquilo que recolheu através de sua experiência de Deus¹⁸⁹.

¹⁸⁴ SANTOS, F. S. **Cuidados Paliativos: discutindo a vida, a morte e o morrer**, p. 378.

¹⁸⁵ ANCP, Academia Nacional de Cuidados Paliativos. **Manual de Cuidados Paliativos**, 2009, p. 311.

¹⁸⁶ Cf. KOENIG, H. G. **Medicina, religião e saúde**, p. 135.

¹⁸⁷ Idem. p. 158-175.

¹⁸⁸ Cf. SAMPAIO, A. D.; SIQUEIRA, H. C. H. **Influência da Espiritualidade no Tratamento do Usuário Oncológico: Olhar da Enfermagem**, p. 155-156.

¹⁸⁹ Cf. LIBÂNIO, J. B.; MURAD, A. **Introdução à teologia: perfil, enfoques, tarefas**, p. 37.

Na teologia balthasariana, a realidade do sofrimento e das doenças é considerada à luz do mistério de Cristo, de forma que não é próprio do cristão evadir-se destas possibilidades ou encontrar nelas causa de desespero. As curas corporais que Jesus realiza, frequentemente indicadas nos evangelhos, sempre são sinais da libertação interior do pecado e estão unidas diretamente à cruz¹⁹⁰. Na teologia paulina a cura é incluída no hall dos dons carismáticos¹⁹¹, mas Balthasar faz uma ressalva fundamental: “a aceitação paciente de penosos sofrimentos e da morte pode ser para o reino de Deus mais frutífero que a saúde recuperada”¹⁹².

Por fim, tendo constatado a relevância do dado religioso e espiritual no processo de cuidados paliativos, não visando outra coisa, que não seja um conforto aos pacientes já conscientes da eminência de sua morte, nota-se como a compreensão de Balthasar sobre a associação das dores humanas à cruz de Jesus, da morte humana à morte Dele, abre um caminho de profícuo diálogo entre os ideais da medicina paliativa com o dado axial da teologia cristã balthasariana, isto é, o mistério pascal.

3.3. A morte é um dia que vale a pena viver

No contexto dos cuidados paliativos, uma obra de recente publicação merece destaque e ocupa a posição de uma das referências privilegiadas desta pesquisa. Trata-se de “A morte é um dia que vale a pena viver”¹⁹³ da médica Ana Claudia Quintana Arantes¹⁹⁴. Nesta obra, Arantes se dedica a expor de forma simples e pessoal a experiência que vem adquirindo em mais de uma década de atuação com pacientes terminais em diversos institutos e hospitais. A obra em questão se destaca justamente pela linguagem facilitada que a autora utiliza para

¹⁹⁰ Cf. FERNANDES, R. M. **A Igreja e o Espírito da Verdade em Hans Urs von Balthasar**, p.107.

¹⁹¹ Cf. I Cor 12,9.

¹⁹² BALTHASAR, H. U. **Teológica**, volume III, p. 391.

¹⁹³ ARANTES, Ana Claudia Quintana. **A morte é um dia que vale a pena viver**. E um excelente motivo para se buscar um novo olhar para a vida. Rio de Janeiro: Sextante, 2019.

¹⁹⁴ Médica formada pela Universidade de São Paulo (USP) com residência em Geriatria e Gerontologia no Hospital das Clínicas da FMUSP. Pós-graduada em Psicologia – Intervenções em Luto pelo Instituto 4 Estações de Psicologia. Especialização em Cuidados Paliativos pelo Instituto Pallium e Universidade de Oxford. Entre outras publicações, é co-autora do livro Cuidado Paliativo do CREMESP, (2008) e Manual de Cuidados Paliativos – ANCP (2009 e 2012). Sócia fundadora da Associação Casa do Cuidar, Prática e Ensino em Cuidados Paliativos. Presidiu a instituição de março de 2007 a março de 2013 organizando e ministrando aulas nos cursos de formação multiprofissionais e Congressos Brasileiros. Desde 2019, ocupa novamente a presidência da instituição. No Hospital Israelita Albert Einstein, em São Paulo, foi a responsável pela elaboração e implementação das políticas assistenciais e treinamentos institucionais em Cuidados Paliativos e Terapia da Dor segundo as recomendações da *Joint Commission*, permanecendo como coordenadora do Grupo de Terapia da Dor e Cuidados Paliativos no período entre janeiro 2006 até julho de 2009. Coordena o curso avançado de Cuidados Paliativos da Associação Casa do Cuidar e os cursos de EAD oferecidos pela Humana Vida. Cf. ANA CLÁUDIA QUINTANA ARANTES, Humana Vida. Disponível em <https://www.humanavida.com.br/dra-ana-claudia-quintana-arantes-2/>. Acesso em 15 de maio de 2022.

aproximar os leitores leigos de uma das questões mais emblemáticas da existência humana, provavelmente a razão que justifica o vigoroso sucesso comercial de sua publicação¹⁹⁵.

Esta obra foi considerada relevante aos objetivos desta pesquisa justamente porque aproxima-se amplamente da discussão teológica balthasariana no aspecto de reconhecer no dado existencial imprescindível da morte um momento singular da vida humana, e não seu termo definitivo em sentido negativo ou fatalista. Tanto em Balthasar quanto em Arantes, a morte é aspecto significante da vida e não seu fracasso¹⁹⁶.

É desta forma, portanto, que amparado pela análise estrutural¹⁹⁷, as considerações de Arantes serão colocadas em face da teologia de Balthasar, de forma a promover o diálogo da teologia com a ciência, empreitada tão urgente quanto necessária. Na perspectiva de Libânio e Murad, a reflexão teológica cristã não pode se eximir desta importante tarefa de colocar-se em constante diálogo com as diversas esferas da sociedade e das múltiplas realidades que marcam a vida dos homens¹⁹⁸.

3.3.1. Morte e sofrimento: homem e Deus se encontram

Encarar a morte, a dor e o sofrimento é uma realidade que marca o cotidiano dos profissionais da saúde, particularmente os que atuam em ambiente hospitalar. Contudo, segundo Arantes, essa experiência ainda que recorrente, nunca se repete de fato, uma vez que cada ser humano é único, singular e irrepitível, tanto quanto o sofrimento o é¹⁹⁹. A dimensão da singularidade do sofrimento humano ao ser diagnosticado com alguma doença grave é sempre uma experiência paradigmática porque evoca justamente a realidade da finitude da vida, como afirma a autora:

Diante do diagnóstico de uma doença grave, as pessoas entram em sofrimento desde o diagnóstico. A morte anunciada traz a possibilidade de um encontro veloz com o sentido da vida, mas traz também a angústia de talvez não ter tempo suficiente para vivenciar esse encontro. Os Cuidados Paliativos oferecem, então, não apenas a possibilidade de suspender tratamentos considerados fúteis, mas também a realidade

¹⁹⁵ A obra “A Morte é um dia que vale a pena viver” está entre os mais recomendados com mais de 350.000 cópias vendidas (dados de dezembro 2020). Em março de 2020, a autora lançou o livro “Histórias lindas de morrer”, também pela Editora Sextante, chegando em dezembro de 2020 a mais de 50.000 cópias vendidas. Cf. ANA CLÁUDIA QUINTANA ARANTES, *Humana Vida*. Disponível em <https://www.humanavida.com.br/dra-ana-claudia-quintana-arantes-2/>. Acesso em 15 de maio de 2022.

¹⁹⁶ Cf. BALTHASAR, H. U. *Theo-Logic*, p.210-241; ARANTES, A. C. Q. *A morte é um dia que vale a pena viver*, p. 42-50.

¹⁹⁷ Esta opção metodológica foi eleita como oportuna a esta pesquisa, conforme indicado e explicitado na Introdução à página 12.

¹⁹⁸ Cf. LIBÂNIO, J. B.; MURAD, A. *Introdução à teologia: perfil, enfoques, tarefas*, p. 297-299.

¹⁹⁹ Cf. ARANTES, A. C. Q. *A morte é um dia que vale a pena viver*, p. 42.

tangível de ampliação da assistência oferecida por uma equipe que pode cuidar dos sofrimentos físicos, dos sintomas da progressão da doença ou das sequelas de tratamentos agressivos que foram necessários no tratamento ou no controle da doença grave e incurável. O sofrimento emocional é muito intenso. Nele, o doente toma consciência de sua mortalidade. E essa consciência o leva à busca do sentido de sua existência²⁰⁰.

Na experiência cristã, Balthasar destaca como a Igreja sempre reconheceu a solidariedade de Jesus diante dos sofrimentos humanos ao assumir completamente nossa condição. Um postulado basilar nesse sentido é a famigerada consideração de Gregório Nazianzeno de que “o que não foi assumido pelo Verbo não foi redimido”²⁰¹, ideia que Balthasar recupera para afirmar que Cristo quis ser como nós e andou pelas sombras da morte²⁰², sendo solidário com a mais dolorosa característica da existência humana, como indicado anteriormente²⁰³.

A certeza da morte e o medo que ela causa nos homens, sobretudo quando cientes de sua eminência, é um elemento que Ana Claudia Quintana Arantes indica através de uma constatação interessante ao longo de sua carreira: ainda que as pessoas temam a morte, muitas vezes vivem de forma a apressá-la²⁰⁴. Viver de forma desordenada e inconsequente por meio do consumo de drogas e álcool, tendo uma alimentação desregrada ou em constante exposição a riscos potenciais à vida, são maneiras de viver prescindido do sentido próprio da vida. Nessa direção, segundo a autora, “Quem diz ter medo da morte deveria ter um medo mais responsável. Quem sabe poderíamos dizer que deveriam ter respeito por ela. O medo não salva ninguém do fim, a coragem também não. Mas o respeito pela morte traz equilíbrio e harmonia nas escolhas”²⁰⁵.

Na ótica cristã, essa indicação de Arantes é validada na indicação pontual do Apóstolo Paulo à comunidade de Filipos para que vivessem uma vida à altura do Evangelho de Cristo²⁰⁶ e ainda suas muitas prescrições aos Colossenses por uma existência que objetive as coisas mais elevadas, orientada pelo princípio da vida nova em Cristo²⁰⁷. Esse princípio de vida significada a partir da morte, sob à luz do mistério pascal, é destacado por Balthasar:

E agora o fato decisivo: essa nova vida, que deixou a morte definitivamente para trás (Rm 6,10), permanece, não obstante, vida a partir da morte, vida marcada por sua passagem através da morte: é uma vida que, por um lado, tem poder sobre a morte (“Eu tenho as chaves da Morte e do Hades”, Ap 1,18), mas, por outro lado, permanece

²⁰⁰ Idem, p.42-43.

²⁰¹ Cf. Ep. 101, 32: SC 208, 50.

²⁰² Cf. BALTHASAR, H. U. **Theo-Logic**, p. 123-124.

²⁰³ Cf. Item 2.1.4. Indo para a morte: Sábado Santo, p. 38.

²⁰⁴ Cf. ARANTES, A. C. Q. **A morte é um dia que vale a pena viver**, p. 57-59.

²⁰⁵ Idem, p.58.

²⁰⁶ Cf. Fl 1,27.

²⁰⁷ Cf. Cl 3,1-10.

intimamente marcada pelo acontecimento e experiência da morte, ou seja, na medida em que esta, enquanto autoentrega total, foi – e permanece – a suprema realização da vida. [...] Aquele que deveria receber o poder e o julgamento sobre os vivos e os mortos teria, necessariamente, de ter igualmente conhecido todos os estados da condição humana, inclusive o da morte; aquele, diante de quem se dobra “todo joelho dos seres celestes, dos terrestres e dos que vivem sob a terra” [no reino dos mortos] (Fl 2,10), que deveria subir “acima de todos os céus”, passou também por todos os “lugares” e estados nas “profundezas da terra” [no reino dos mortos] (Ef 4,9)²⁰⁸.

É nesse sentido, portanto, que medicina paliativa e a concepção cristã da morte se encontram uma vez mais: ao passo que a primeira reitera o quanto a garantia da morte é geradora de uma nova forma de encarar a vida ainda presente²⁰⁹, a segunda atesta que a passagem pela morte não retira do homem a possibilidade de vida plena, uma vez que este fato humano por excelência foi ressignificado pela livre decisão de Deus em experimentá-lo²¹⁰. Trata-se do rompimento definitivo da distância que havia entre o céu e a terra²¹¹.

3.3.2 A vida significada através da morte

Considerando a ideia desenvolvida no item anterior, é oportuno lançar um olhar pormenorizado acerca desta relação de sentido existencial que a morte pode gerar nos indivíduos enquanto ainda desfrutam de suas vidas. Essa conexão aparece como mais um ponto fecundo para o diálogo entre Balthasar e Arantes e, portanto, entre teologia e medicina paliativa.

Quase como que uma premissa fundamental para a exposição dos casos que trouxe em sua obra, Arantes coloca diante de seu leitor uma afirmação paradigmática: “todas as pessoas morrem, mas nem todas um dia poderão saber por que viveram”²¹². É nessa direção que discorre com os relatos dos casos reais de pacientes paliativos que ao chegar na eminência de sua morte começam a enfrentar a desconcertante questão acerca de que tipo de vida viveram. Em sua experiência médica, Arantes constatou que a sociedade hodierna lida constantemente com “zumbis existenciais”²¹³, isto é, pessoas que cultivam diariamente sua própria morte sem que se deem conta disso²¹⁴. É a realidade de todos aqueles que mergulham em posturas apáticas diante do dinamismo da vida, negligenciam as possibilidades do encontro com o outro e consigo, que existem sem viver. “Não há espaço para falar sobre a morte com pessoas que não estão vivas em suas vidas”²¹⁵.

²⁰⁸ BALTHASAR, H. U. **Vida a partir da morte**, p. 33.

²⁰⁹ Cf. ARANTES, A. C. Q. **A morte é um dia que vale a pena viver**, p. 60-65.

²¹⁰ Cf. CASTILLO, J. M. **Jesus- a humanização de Deus**, p. 282-286.

²¹¹ Cf. BALTHASAR, H. U. **Vida a partir da morte**, p. 53.

²¹² ARANTES, A. C. Q. **A morte é um dia que vale a pena viver**, p. 73.

²¹³ Idem, p. 75.

²¹⁴ Cf. Idem, p. 74-76.

²¹⁵ Idem, p.75.

O vazio existencial e as múltiplas compreensões sobre a angústia humana já foram objeto de estudos de numerosos filósofos, sociólogos e teólogos ao longo da história²¹⁶, contudo, a complexidade e recorrência do tema sempre o coloca novamente em voga. É nesse campo que Arantes defende sua ideia de que apenas pela consciência da morte é que os homens se apressam em construir esse ser que deveria ter sido ao longo de sua vida, isto é, se descobre, se organiza e se realiza para ser humano até que a morte chegue²¹⁷.

Com a devastação e os horrores causados pela guerra, o homem do século XX, como fora Balthasar, passa a se confrontar com a não identificação entre realidade e racionalidade, indagando-se sobre a posição central que a existência ocupa na finitude do homem, da transcendência do ser com o mundo e/ou Deus e da possibilidade como um modo de ser próprio da existência²¹⁸. Sendo resposta aos movimentos próprios do contexto histórico em que se situa, o pensamento do coração do século XX nasce justamente da indagação do homem acerca da sua posição ante a existência de um mundo em caos.

Nota-se que as filosofias da existência não são sistemas bem organizados de pensamentos erigidos sob o prisma de uma mesma intuição filosófica. Cada pensador que se constitui membro desta “escola” inicia seu pensar a partir de um dado muito específico e pessoal: a sua própria existência no mundo. Seja a angústia de Heidegger, a náusea de Sartre, a fragilidade de Jaspers ou o absurdo de Camus, os conceitos da existência partem sempre de uma matriz individual, singular, subjetiva, finita, mas não se define²¹⁹. Ela sempre se refere a uma situação, seja na relação com o mundo ou com os outros.

Ainda assim, se há um padrão possível de se estabelecer nos diversos autores da existência é a consideração propedêutica que possuem da morte e da angústia. A este respeito, escreve Rovighi:

A angústia é muito diferente do medo; de fato temos medo de determinada coisa, enquanto o que nos angustia é indeterminado. Nenhum ente do mundo pode provocar-nos angústia, porque na angústia as coisas do nosso cotidiano perdem todo significado; nós nos angustiamos por estar no mundo, e nos encontramos sozinhos diante do mundo [...] A morte é sempre uma possibilidade do indivíduo, é *minha* morte, assim como *minha* é a existência [...]²²⁰.

Considerar a morte na perspectiva do inevitável, eminente e irremediável não pode constranger ou destituir o sentido que existe no valor sagrado deste ato único da realidade

²¹⁶ Cf. BEAUFRET, J. **Introdução às Filosofias da Existência**. São Paulo: Duas Cidades, 1976.

²¹⁷ Cf. ARANTES, A. C. Q. **A morte é um dia que vale a pena viver**, p. 76-78.

²¹⁸ Cf. REALE, G.; ANTISERI, D. **História da filosofia**, p. 15-18.

²¹⁹ Cf. ABBAGNANO, N. **Introdução ao Existencialismo**, p. 45-48.

²²⁰ ROVIGHI, S. V. **História da filosofia contemporânea**, p. 402

humana, isto é, quando considerado o dado fundamental da fé em Jesus Cristo e em seu mistério de vida, morte e ressurreição. Em sua reflexão acerca da morte do cristão em vista do sacrifício de Cristo, Castillo colabora com este ponto:

Pois bem, se é efetivamente assim, a nova linguagem religiosa do cristianismo primitivo estaria indicando uma mudança radical na “luta pela vida”: se o sacrifício de Cristo substituiu os muitos sacrifícios, da religião antiga e de todas as religiões, pode-se afirmar que o incremento da vida e a luta em favor da vida não se produzam sacrificando vidas, mas muito pelo contrário: lutando em favor dessas vidas, sobretudo as mais ameaçadas, mesmo que isso possa implicar colocar em perigo a própria vida ou à custa da segurança, da honra, e do poder, tal como Deus, em Jesus, sacrificou tudo isso em seu fracasso e em sua morte na cruz²²¹.

É próprio do agir de Deus preservar a vida humana, o que encontra seu ponto máximo na ressurreição de seu Filho, morto pelas mãos humanas e ressuscitado pelo poder do Pai²²². No Ressuscitado também vem, definitivamente superado, o escândalo da dor da existência terrena. Aquele que mostra suas feridas aos seus discípulos reunidos, assombrados pelo risco que também suas vidas corriam²²³, é o Deus que comunica a paz. Ele é o Ressuscitado somente como servo sofredor, o crucificado: ele é o Ressuscitado que passou pelo suplício da humilhação, da dor e da cruz. E, na teologia balthasariana, é justamente por ter passado pela cruz que consegue oferecer à existência humana, oprimida pelo sofrimento e ameaçada pela morte, um sentido para a vida²²⁴.

Ainda que a perspectiva de Arantes esteja orientada pelo olhar clínico, a autora não prescinde do dado objetivo da fé e assegura que a dimensão espiritual dos pacientes em cuidados paliativos é indispensável para o êxito do acompanhamento médico, uma vez que “o sofrimento espiritual pode ser um dos mais intensos nos tempos finais da vida humana”²²⁵. É nesse sentido, que integrar a fé dos pacientes ao tratamento paliativo acaba por inserir-se quase que inevitavelmente naquilo que Balthasar compreende como a mortificação inevitável e necessária da realidade terrena, concomitante com uma vida alinhada à missão de Cristo, “que é sempre uma vida eucarística”²²⁶. Trata-se de ler os sofrimentos da carne humana, à luz da infinitamente maior ação do Espírito Santo²²⁷.

²²¹ CASTILLO, J. M. **Jesus- a humanização de Deus**, p. 483.

²²² Cf. BALTHASAR, H. U. **Theo-Logic**, p. 212-215.

²²³ Cf. Jo 20,19.

²²⁴ Cf. BRUSTOLIN, L. A (Org). **Esperar a salvação**, p. 44.

²²⁵ ARANTES, A. C. Q. **A morte é um dia que vale a pena viver**, p.79.

²²⁶ BALTHASAR, H. U. **Vida a partir da morte**, p.46. A questão da presença eucarística de Cristo e sua singular importância diante do luto e do sofrimento humano, será melhor abordado no tópico 3.5 A fé na vida supera a morte: plenitude na finitude, à página 64.

²²⁷ Cf. BALTHASAR, H. U. **The Glory of the Lord**, p. 162-173.

É assim, portanto, que a leitura pascal de Balthasar acerca dos sofrimentos humanos colaboram e integram as indicações clínicas apresentadas por Arantes de que morrer é estar nu, livre de todas as vestes físicas, emocionais, sociais, familiares e espirituais. Para ela, “a morte, do outro ou a nossa, será sempre uma rara, até que única, experiência de estarmos verdadeiramente presentes na nossa vida”²²⁸.

3.4 A verdade liberta

Diante da terminalidade²²⁹ da vida, um desafio se impõe às equipes médicas e, particularmente, aos familiares de pacientes com diagnósticos graves: contar ou não à pessoa sua real condição clínica. Esse impasse marca o cotidiano dos hospitais e dos profissionais da saúde e acaba, se constituindo também, uma questão para a moral cristã, que tem por pressuposto fundamental a verdade como horizonte de libertação²³⁰.

Nesse sentido, Arantes é categórica em afirmar que a verdade é um dado imprescindível ao tratamento paliativo, já que “o que mata é a doença, e não a verdade sobre a doença”²³¹. Essa consideração aponta para mais um tópico em que a obra balthasariana pode amparar as constatações médicas de Ana Claudia Quintana Arantes, ao passo que os exemplos recolhidos na experiência desta, ilustra os postulados daquele. O trato com a verdade é caminho indispensável para a vida plena em Jesus Cristo, e os avanços da técnica e ciência não retiraram do homem a responsabilidade de interrogar-se acerca das questões religiosas e morais em vista da preservação da vida e do enfrentamento de suas dores e dificuldades²³².

Destarte, a complexidade dos diagnósticos pode até ser indicador de uma doença grave que acomete o indivíduo, mas não encerra ou resume a realidade de sua vida. Arantes, reconhecendo a tristeza e a dificuldade que esses diagnósticos podem causar, ainda assim assegura:

Claro que haverá um momento de tristeza ao saber-se doente, gravemente doente. Mas essa tristeza é a única ponte até a vida que pode ser vivida verdadeiramente, sem ilusões ou falsas promessas de cura. O que mata a esperança não é saber-se mortal, mas sim perceber-se abandonado. A palavra que mata é a palavra mal utilizada²³³.

²²⁸ ARANTES, A. C. Q. **A morte é um dia que vale a pena viver**, p. 91.

²²⁹ Sobre o uso desse termo, esclarece a autora: “A terminalidade pode se prolongar por anos. Terminalidade não é a semana que vem. Terminalidade não é tempo, e sim uma condição clínica que advém de uma doença grave, incurável, sem possibilidade de controle, e diante da qual, impotente, a medicina cruza os braços. Isso pode ser vivenciado em horas, dias, semanas, meses ou anos”. ARANTES, A. C. Q. **A morte é um dia que vale a pena viver**, p. 82.

²³⁰ Cf. Jo 8,32.

²³¹ ARANTES, A. C. Q. **A morte é um dia que vale a pena viver**, p. 94.

²³² Cf. JOÃO PAULO II, Papa. **Veritatis Splendor**, n.01-02.

²³³ ARANTES, A. C. Q. **A morte é um dia que vale a pena viver**, p. 94.

Ora, é desta forma que Arantes indica algo que é salutar diante da construção de Balthasar acerca da verdade, cuja temática que lhe rendeu muitas reflexões, das quais destacam-se aquelas contidas em sua *Trilogia*, como indicado anteriormente²³⁴. Na Encarnação, a revelação permitiu que o Verbo de Deus se tornasse uma pessoa, capaz de integrar todas as automanifestações singulares de Deus na história²³⁵. De fato, a fé em Jesus é a fé naquele que se autoproclamou a Verdade a ser acolhida, o único caminho a ser percorrido a fim de alcançar a vida autêntica²³⁶. Em sua obra dedicada especialmente à verdade em vista da questão do pluralismo cristão, Balthasar indica que Cristo torna a Ele mesmo uma referência para iluminar a vida de todos quantos o aceitam:

A Verdade perene é ordenada, orientada e regulada a partir desse centro. Seu “eu” é o foco orgânico e organizador da verdade. A teologia escolástica expressou essa realidade afirmando que o Deus revelado em Jesus Cristo é o objeto formal da teologia. [...] se a Verdade, que Jesus Cristo é e representa, possui uma quantidade – na verdade, uma infinidade – de aspectos individuais, todos estes se relacionam com o seu centro, assim como um membro em relação com a totalidade do corpo vivo. E só existe um corpo vivo quando ele é animado e guiado do centro de uma alma que afirma “Eu”²³⁷.

Considerando isso, é que fica possível compreender como o trato baseado na verdade com pacientes terminais não apenas corresponde a um apelo médico, mas atende a uma necessidade vital dos homens: todos carecem da verdade para uma vida plena. Arantes colabora para essa reflexão, sempre a partir de sua perspectiva médica, e coloca a questão nos seguintes termos:

Quando dou ao paciente a chance de saber a gravidade de sua condição, a verdade dá a pessoa a oportunidade de aproveitar o tempo que lhe resta de maneira consciente, assumindo o protagonismo de sua vida, de sua história. Ao poupar alguém da verdade, não estamos necessariamente fazendo o bem àquela pessoa. Não podemos poupá-la da própria morte. Não poderemos salvá-la daqueles momentos difíceis em que será preciso estar em si mesma. Quando, na proximidade da morte, poupamos um ser humano da consciência de suas urgências, da importância do tempo de estar vivo antes de morrer, não conseguiremos interromper o processo de morrer. Conseguiremos privá-lo de viver²³⁸.

Neste ponto é possível estabelecer um paralelo da missão de Jesus, com a missão de cada ser humano, que deve passar pelo esvaziamento de si, deixando de lado toda forma de busca egoísta por controle absoluto. No Cristo, essa busca tem seu término, e com isso todas as angústias que essa procura provoca no homem, “justamente porque a verdade do ser se encontra

²³⁴ Cf. 1.1.3. Teológica, p. 20.

²³⁵ Cf. BALTHASAR, H. U. **A verdade é sinfônica**, p. 26.

²³⁶ Cf. Jo 14,6-7.

²³⁷ BALTHASAR, H. U. **A verdade é sinfônica**, p. 27.

²³⁸ ARANTES, A. C. Q. **A morte é um dia que vale a pena viver**, p. 95-96.

em Deus”²³⁹. As palavras de Jesus, descritas no Evangelho, segundo Mateus, são recuperadas por Balthasar: “Que pode dar o homem em troca de sua vida?” (Mt 16,26), argumentando que essa perda se estabelece num achado, apenas quando esse ato de entrega se configura em aceitar uma missão terrena e, com isso, num encontro para todo aquele que perde a sua vida por acreditar na causa de Jesus²⁴⁰. É nesse sentido que um diagnóstico informado com verdade e honestidade a um paciente terminal, permite que ele assuma esta posição de ver-se e reconhecer-se em Jesus, não como num espelho, que “simplesmente devolve sua própria imagem, mas como numa realidade que consegue ver tudo simultaneamente: o que é em si mesmo, o que deveria ser e o que é em verdade para Deus”²⁴¹.

É nesse sentido, portanto, que para Balthasar, alcançar o “eu” encontrado pelo homem em Deus, só se chega mediante o abandono de si. Isso não significa a perda do sentido pessoal de existência, mas para o crente, trata-se de uma entrega absoluta de si mesmo, a exemplo do que o próprio Jesus fez em relação ao Pai²⁴². É desta forma que o trato com o paciente paliativo pode e deve pautar-se na verdade, como forma de oferecer-lhe condições para experimentar este mergulho profundo no abandono à vontade de Deus e na confiança de sua promessa de que não deixaria órfãos e garantiria vida a todos os que a Ele se confiam²⁴³.

3.5 A fé na vida supera a morte: plenitude na finitude

Até este momento, constatou-se alguns elementos que marcam as possibilidades de diálogo entre os postulados da medicina paliativa, sob a voz de Ana Claudia Quintana Arantes, e dos pressupostos teológicos acerca do mistério pascal de Cristo a partir da produção e reflexão de Hans Urs von Balthasar. Caberá agora, finalmente, destacar aquilo que é o ponto fundamental deste diálogo, a partir da metodologia de análise estrutural: observar como o dado de fé ocupa um lugar privilegiado no encontro entre as concepções basilares da medicina paliativa e da teologia cristã acerca da ressurreição.

A fé é o caminho pelo qual o homem orienta sua existência para algo ou alguém que o transcenda, capaz de ser movido pelo que crê e de iluminar uma vida bem-sucedida e fecunda²⁴⁴. Nesse sentido, segundo a perspectiva de Roger Haight, não existe espaço para o

²³⁹ BALTHASAR, H. U. **Tu tienes palabras de vida eterna**. p. 164. Tradução nossa.

²⁴⁰ Idem, p.164. Tradução nossa. Cf. Mt 10,39; 16,25; Mc 8,35; Lc 9,25; 17,33.

²⁴¹ BALTHASAR, H. U. **Tu tienes palabras de vida eterna**. p. 165. Tradução nossa.

²⁴² Cf. RIBARIC, S. A. **Silêncio de Deus em Hans Urs von Balthasar**, p. 73.

²⁴³ Cf. Jo 14, 15-21.

²⁴⁴ Cf. FRANCISCO, Papa. **Lumen Fidei**, n.7.

binômio, ter ou não ter fé. Para ele, é mister que todo homem a possui, ainda que não tenha a clareza desta realidade. Trata-se, em última instância, em tomar consciência da fé que lhe é constitutiva e fundamental. Haight distingue ainda dois aspectos da fé: fé humana, isto é, essa capacidade própria da natureza existencial humana, de caráter universal e subjetivo, ainda que com sentido objetivo; e fé religiosa, que se refere ao momento posterior, assentada sob a estrutura da fé humana, a crença e a doutrina encontram adesão e compromisso do homem de fé, que torna-se agora fiel dentro de sua compreensão e tradição religiosa²⁴⁵.

Em sua Carta Encíclica *Lumen fidei*, no início de seu pontificado, o Papa Francisco traz uma apresentação da fé que esclarece muito o valor desta virtude teologal, justamente nos momentos de dor e sofrimento humano²⁴⁶. De fato, como atesta amplamente a tradição bíblica²⁴⁷, o homem de fé não é privado das angústias, da dor e da morte, mas é justamente diante das adversidades da vida humana que o poder salvador e misericordioso de Deus se sobressai, como afirmou São Paulo à comunidade de Corinto²⁴⁸. Assim destaca o pontífice, frisando a morte como ocasião privilegiada para o testemunho da fé:

Na hora da prova, a fé ilumina-nos; e é precisamente no sofrimento e na fraqueza que se torna claro como “não nos pregamos a nós mesmos, mas a Cristo Jesus, o Senhor” (2 Cor 4, 5). O capítulo 11 da Carta aos Hebreus termina com a referência a quantos sofreram pela fé, entre os quais ocupa um lugar particular, Moisés, que tomou sobre si a humilhação de Cristo (cf. vv. 26.35-38). O cristão sabe que o sofrimento não pode ser eliminado, mas pode adquirir um sentido: pode tornar-se ato de amor, entrega nas mãos de Deus que não nos abandona e, deste modo, ser uma etapa de crescimento na fé e no amor. Contemplando a união de Cristo com o Pai, mesmo no momento de maior sofrimento na cruz (cf. Mc 15, 34), o cristão aprende a participar no olhar próprio de Jesus; até a morte fica iluminada, podendo ser vivida como a última chamada da fé, o último “Sai da tua terra” (cf. Gn 12, 1), o último “Vem!” pronunciado pelo Pai, a quem nos entregamos com a confiança de que Ele nos tornará firmes também na passagem definitiva²⁴⁹.

Essa compreensão da fé como ocupante de um lugar de destaque na existência humana diante do sofrimento e da morte é amplamente considerada pela medicina paliativa como visto acima²⁵⁰, o que é destacado também por Arantes. Em sua reflexão, a autora indica como a maioria da população brasileira se declara religiosa e de que sua experiência clínica de mais de

²⁴⁵ Cf. HAIGHT, R. *Dinâmica da Teologia*, p. 72-93.

²⁴⁶ Cf. FRANCISCO, Papa. *Lumen Fidei*, n.56-57.

²⁴⁷ Cf. GERSTENBERGER, E.; SCHRAGE, W. *Por que sofrer? O sofrimento na perspectiva bíblica*, p. 13-77.

²⁴⁸ Cf. II Cor 12,10.

²⁴⁹ FRANCISCO, Papa. *Lumen fidei*, n.56.

²⁵⁰ Cf. 3.2. A espiritualidade nos cuidados paliativos, p. 53.

uma década, de fato a colocou em contato com poucos ateus. Nesse sentido, diferencia dois grupos: os ateus essenciais e o que chama de “ateus convertidos”²⁵¹.

Para a autora, os ateus essenciais são aqueles que nunca acreditaram em Deus e não nasceram em um ambiente familiar propenso à religiosidade. Segundo ela, estes são os que apresentam os menores graus de sofrimento espiritual, já que nada esperam de um deus que os possa salvar ou ser culpabilizado pelo momento de angústia. Em contrapartida, o indivíduo que chama de ateu convertido é aquele que “um dia acreditou em Deus e até praticava alguma religião; em algum momento, porém, Deus não se comportou bem e perdeu sua credibilidade”²⁵², sendo justamente estes os que Arantes indica como os que vivem os maiores sofrimentos espirituais diante da morte²⁵³.

Quando aborda as experiências que acumulou com todos aqueles que se declaram religiosos e pertencentes a algum grupo, Igreja ou orientação religiosa, a autora faz uma diferenciação entre o ato de acreditar em algo e o de ter fé:

Acreditamos em alguma coisa, qualquer coisa. Fé pressupõe uma entrega. Se temos fé em Deus, e fé em que ele fará o melhor por nós, não importa o que aconteça, teremos a certeza de que foi o melhor que poderia acontecer. Mesmo que tenha acontecido a doença, o sofrimento e a morte, ou a cura. Foi o melhor. Quando acreditamos que Deus vai nos curar, nos convencemos de que a melhor solução para aquele processo é que sejamos curados. Quando temos fé, nos colocamos numa condição de sermos cuidados, de sermos protegidos, de nos entregarmos à sorte de ter um Deus, o Deus certo para nós. Aquele que pode nos levar ao nosso destino. Ao que precisa ser vivido. Ao verdadeiro sentido de dizer: “Que seja feita a vossa vontade”²⁵⁴.

Essa distinção feita por Arantes sem nenhuma pretensão teológica, mas profundamente enraizada na sua atuação clínica e, portanto, recolhida de legítimas experiências humanas, confluem para o que Balthasar afirma em sua estética teológica trabalhada na *Trilogia*. De fato, é apenas na fé abnegada em Deus que o homem mergulha em uma nova cosmovisão, capaz inclusive, de perpassar o sofrimento e a morte²⁵⁵. Diante da morte e do silêncio que ela estabelece, Balthasar afirma que é através da ação missionária de Jesus que esse mistério pode ser abarcado. Jesus é a voz que sai do silêncio do Pai para revelá-lo em todas as suas palavras, e suas ações completam a palavra humana, tornando-se uma Palavra revelada ainda que

²⁵¹ Cf. ARANTES, A. C. Q. **A morte é um dia que vale a pena viver**, p. 116-117.

²⁵² Idem, p.116.

²⁵³ Idem, p.116-118.

²⁵⁴ Idem, p. 123.

²⁵⁵ Cf. BALTHASAR, H. U. **The Glory of the Lord**, p. 86-89.

silenciosa. Em palavras e ações, Jesus não oculta a Deus, mas se faz luz do mundo, capaz de revelar o Pai tanto quanto é possível ao homem que Nele crê²⁵⁶.

A dimensão da missão de Jesus é fundamental na compreensão de Balthasar de como a vida ganha novo sentido após a morte, e como a fé ocupa posição axial nesse contexto. De fato, é na fé do ressuscitado que a Igreja se reúne e anuncia ao mundo a fé que lhe foi inspirada por ação do paráclito²⁵⁷. Assim, afirma Balthasar ao refletir sobre o mistério pascal:

As aparições do Senhor aos discípulos, ao longo dos quarenta dias após a ressurreição, devem-se, acima de tudo, à sua condescendência: nelas lhe é dada uma prova humanamente palpável de que, na vida e no sofrimento de Jesus, toda promessa é cumprida, e o mundo é reconciliado com Deus. Porém, o Senhor tem o cuidado de ressaltar o caráter provisório desses dias: ele não pode ser retido, aparece e desaparece quando quer, e sempre os remete à fé e, acima de tudo, àquela Presença que ele instituiu na Santa Ceia, e que, desde então, deverá se tornar decisiva. Na medida em que ele parte o pão em Emaús e, no mesmo momento, desaparece, aponta diretamente para essa Presença que permanece²⁵⁸.

É mediante a fé que a comunidade acolhe, anuncia e testemunha que o Ressuscitado permanece em seu seio, razão pela qual no findar da vida os pacientes paliativos que sofrem com os suplícios da doença, mas creem em Cristo, vivem um momento potencialmente transformador²⁵⁹. Arantes afirma ainda que “Jesus, Buda, pensemos em qualquer guru ou liderança espiritual: todos morreram. A morte é um ato sagrado”²⁶⁰. Essa constatação, reitera tudo aquilo que os esforços de Balthasar (e porque não falar da tradição cristã como um todo) se empenhou em defender: a morte, a partir do mistério pascal de Cristo que já não é mais realidade condenatória da natureza humana, mas experiência salvífica pela qual Deus libertou o mundo dos poderes das trevas e o reconduziu à sua presença²⁶¹. É, em última instância, ato que plenifica a vida.

Balthasar destaca ainda o sentido eucarístico dessa presença permanente do Vivente entre os homens, destacando uma vez mais que todo o sentido da vida em Cristo passa pelo encontro com outro, algo profundamente análogo ao que Arantes atesta em cada paciente terminal que pode acompanhar prestando-lhe assistência e recebendo as mais profundas lições acerca da existência humana:

²⁵⁶ Cf. RIBARIC, S. A. **Silêncio de Deus em Hans Urs von Balthasar**, p. 65.

²⁵⁷ Cf. FRANCISCO, Papa. **Lumen Fidei**, n. 37-49.

²⁵⁸ BALTHASAR, H. U. **Vida a partir da morte**, p.37.

²⁵⁹Cf. ARANTES, A. C. Q. **A morte é um dia que vale a pena viver**, p. 124.

²⁶⁰ Idem, p.125.

²⁶¹ Cf. BRUSTOLIN, L. A. (Org). **Esperar a salvação**, p. 82-83.

Assim como a sua vida terrena foi polarizada em direção a essa morte, sua vida terrena permanece, como Eucaristia, a partir dela. Nessa forma, a vida eucarística de Jesus é, por fim, também a forma econômica de sua entrega trinitária ao Pai, forma que ele não “tem”, mas “é”. [...] Esse “perder-se” para o outro, e no “outro”, entretanto, não pode ser chamado de morte (ou “kenose”, “esvaziamento”), mas forma expressão da mais elevada vitalidade. É a partir desse mistério da vida de Deus percebe-se que também a morte natural da criatura pode ser uma parábola de Deus (o que não se pode dizer da morte pelo pecado), e, com mais razão ainda, que Jesus Cristo consegue imprimir na morte mundana algo da vida trinitária de autoentrega²⁶².

É assim, portanto, na dimensão da entrega, do permanecer ao lado dos que sofrem e ver na finitude da vida humana os reflexos da manifestação vital do transcendente, que Hans Urs von Balthasar e Ana Cláudia Quintana Arantes, teologia do mistério pascal e medicina paliativa, encontram seu alicerce comum: nos olhos dos que morrem na fé, brilham as luzes que iluminam uma vida que só faz sentido se for vivida na entrega de si, no amor e na verdade.

3.6 Conclusão

Considerando tudo o que até aqui foi exposto, é possível concluir que a sistemática balthasariana, robusta e laureada como um expoente da teologia católica, e as experiências clínicas de uma médica contemporânea especializada em cuidados paliativos, se encontram precisamente naquilo que há de mais divino no mundo: o ser humano, seus dramas e sofrimentos. A experiência bíblica demonstra como para o pensamento e cultura de Israel, mesmo não sendo binário e dualista como o dos gregos, pensar em um Deus feito carne era absolutamente estranho e escandaloso. De fato, pensar em Deus com atributos tão essencialmente humanos como afirmou João em seu Prólogo, representou “a mudança, a inovação mais assombrosa jamais feita na história das tradições religiosas da humanidade”²⁶³. Um Deus que assume a *sarx*²⁶⁴ humana, no caso de Jesus e de sua resistência em ser reconhecido, adorado ou mesmo chamado de Deus, demonstra que o “mistério da encarnação não é primordialmente a divinização do homem, mas antes de tudo, e sobretudo, a humanização de Deus”²⁶⁵. Logo, a encarnação do Filho faz sobressair uma vez mais que a via de acesso ao divino, à vida transcendental, está posta em termos absolutamente humanos, inclusive através do sofrimento, do cuidado e da morte.

É assim, portanto, que a medicina paliativa e todos os esforços que seus profissionais empenham no conforto e na humanização no trato final com cada paciente terminal, ou melhor,

²⁶² BALTHASAR, H. U. **Vida a partir da morte**, p. 42.

²⁶³ CASTILLO, J. M. **Jesus: a humanização de Deus**, p. 186.

²⁶⁴ Termo grego que poderia designar a ideia de “carnalidade” humana em sentido mais estrito possível. O conceito é empregado no prólogo do Quarto Evangelho e em diversos momentos da literatura paulina.

²⁶⁵ Idem, p. 187.

com cada vida no caminho de volta para casa, correspondem ao que o Filho do Homem dirá no dia final: tudo o que foi feito ao menor de seus irmãos, a Ele o foi realizado²⁶⁶. Na encarnação, Deus se fundiu não apenas à humanidade de Jesus, mas a todo gênero humano. Não existe, portanto, nenhuma realidade, humilhação ou sofrimento pelo qual padeçam os homens, que Deus esteja alheio ou não tenha assumido integralmente em seu movimento kenótico. Os cuidados paliativos, cercados por terna afeição e enriquecidos pela caridade de cada profissional da saúde que se dispõe a ser naquele momento as mãos pelas quais Deus mesmo enxuga as lágrimas dos que padecem, faz ecoar na vida humana aquilo que a Igreja celebra em seus altares cada vez que oferece o sacrifício Eucarístico e proclama: “Por nossa culpa, somos condenados a morrer; mas, quando a morte nos atinge, vosso amor de Pai nos salva. Redimidos pela morte de vosso Filho, participamos de sua ressurreição”²⁶⁷.

²⁶⁶ Cf. Mt 25,35-40.

²⁶⁷ MISSAL ROMANO, Prefácio dos Fiéis Defuntos V, p. 466.

CONCLUSÃO

A morte humana e seus desdobramentos são capazes de desvelar uma infinidade de mistérios diante dos homens, que nas mais diversas possibilidades existências, culturais e históricas, conseguem enxergar no inevitável dia da morte uma ocasião profundamente intrigante. Este mistério se impõe a todos, razão pela qual a aproximação de um teólogo e uma médica especializada em pacientes terminais se demonstrou não apenas possível, mas como um fecundo horizonte para a prática pastoral daquilo que é oriundo da reflexão teológica.

O percurso conceitual pela obra balthasariana presente no primeiro capítulo demonstra como este importante teólogo do século passado compreendeu em chave cristológica os eventos da história da criação e da economia da salvação. Em sua *Trilogia*, Balthasar deixa claro como os transcendentais belo, bom e verdadeiro são tomados em perspectiva trinitária-cristológica e demonstram que na pessoa de Jesus Cristo, a liberdade soberana de Deus marcou paradigmaticamente a história da criação e a vida humana, quando decidiu-se pela encarnação em nosso meio²⁶⁸. O Deus da vida, esvaziando-se a si mesmo, provoca grande admiração quando toca as realidades do sofrimento da vida humana, quando sua presença onipotente e salvadora se encontra com a morte e a finitude humana, permitindo aos homens de todos os tempos ecoarem as palavras evangélicas e, cheios de admiração e temor, também proclamar aquilo que disseram os que acompanhavam o féretro do filho da viúva de Naim: “Deus visitou o seu povo”²⁶⁹.

Ainda no primeiro capítulo, ficou evidente como na teologia desenvolvida por Balthasar, ontologia, revelação e cristologia estão correlacionadas na atitude desveladora de Deus ao encarnar-se entre os homens e com eles partilhar de suas realidades, inclusive a morte. Estas considerações foram destacadas na obra de Balthasar, tanto quanto na de outros teólogos, como Ladaria e Scola²⁷⁰. É na perspectiva dos mistérios de Cristo que se pode avançar para a busca da compreensão dos mistérios da temporalidade da vida humana, dos quais a morte figura com particular destaque.

É nesse horizonte que se desenvolveu o segundo capítulo, dedicado a uma exposição mais pormenorizada das obras de Balthasar que mais se dedicam à temática específica da morte,

²⁶⁸ Cf. BALTHASAR, H. U. **My work in retrospect**, p.97.

²⁶⁹ Lc 7,16.

²⁷⁰ Cf. Item 1.2 Cristologia: o prisma fundamental de Balthasar, p. 22-24.

Mysterium Paschale e Vida a partir da morte. Nesta etapa, o trabalho foi capaz de apresentar a significativa expressividade da reflexão balthasariana sobre o evento da morte humana lida através da morte, paixão e ressurreição de Jesus. É na fé inegociável na ressurreição que o cristão consegue ver na morte não a marca da sua finitude existencial, mas justamente a abertura para a realidade de sua plenitude.

É na morte de cruz do Filho de Deus que a salvação chega a todos de forma absoluta, plena e eficiente, sendo que também ali é revelado o amor sacrificial de Jesus, oferecido como vítima agradável a Deus e redentor da humanidade decaída pelo pecado, fruto justamente da negação deste amor-comunhão²⁷¹. É na morte de Cristo, Deus entre nós, que a morte humana é compreendida em novo aspecto, reiterando uma vez mais o teor fundamentalmente cristológico da teologia balthasariana²⁷².

Perpassando os dias finais da vida de Jesus, isto é, a quinta, sexta e sábado santos, Balthasar vai tecendo uma reflexão acerca da morte que inevitavelmente indica sempre o mesmo mistério: em Cristo, a vida e morte humana são significadas e plenificadas justamente porque Ele, o Filho do Homem, participou destas realidades e as elevou de forma absoluta e singular quando desceu aos abismos do inferno e de lá ressurgiu como primogênito dentre os mortos²⁷³. Trata-se da maneira como a sistematização balthasariana recobra e desenvolve de forma profunda aquilo que já a tradição paulina atestou: “Se cremos que Jesus morreu e ressuscitou, assim também os que morreram em Jesus, Deus há de levá-los em sua companhia”²⁷⁴.

No mesmo capítulo II, foi possível constatar aquilo que se interrogava na questão fundamental deste trabalho, isto é, as formas como a teologia de Balthasar colabora para uma compreensão da morte como experiência de abertura à plenitude da vida e a sua consequente transcendentalidade. Em Cristo, o homem não passa mais pela morte como uma experiência final de sua existência, mas a atravessa como que um pórtico de acesso à uma realidade restaurada, plena de sentido e iluminada pela graça salvífica que brotou do sacrifício redentor de Jesus, o Cristo de Deus²⁷⁵.

²⁷¹ Cf. BALTHASAR, H. U. **Mysterium Paschale**, p. 19-20.

²⁷² Cf. Item 2.1.2 A morte de Deus como fonte de Salvação, Revelação e Teologia, p. 34-36.

²⁷³ Cf. BALTHASAR, H. U. **Mysterium Paschale**, p. 120-125.

²⁷⁴ I Tes 4,14.

²⁷⁵ Cf. Item 2.2.2. A pessoa e missão de Cristo como fundamentos da vida humana, p. 46-48.

O terceiro e último capítulo leva ao ponto fundamental da problemática desta pesquisa: o diálogo entre os postulados teológico-sistemáticos de Hans Urs von Balthasar e as considerações médicas de Ana Cláudia Quintana Arantes, apresentadas a partir de seu testemunho no exercício da medicina paliativa na última década. Cabe indicar uma vez mais que este diálogo só pôde se dar através do que prevê o caminho metodológico da analogia estrutural de Kuschel, como fora previamente indicado na introdução do presente trabalho²⁷⁶.

Com os dispositivos próprios desta metodologia, a obra de Arantes pôde trazer à teologia balthasariana um complemento de caráter pastoral, como forma de indicar que tudo aquilo a que se dispõe a reflexão sistemática pode e deve alcançar a realidade concreta das pessoas, marcadas por significativos desafios, problemáticas, angústias e esperanças. De fato, o confronto do paciente terminal com a morte será sempre uma experiência singular e cheia de sentido, momento oportuno para constatar tudo aquilo que o dado da fé na ressurreição postula.

É digno de nota o destaque que Arantes oferece à questão da espiritualidade e da crença no processo dos cuidados paliativos, o que pode ser oportunamente sintetizado e demonstrado quando afirma a autora:

Ao longo desse tempo cuidando de tantas pessoas incríveis, percebi que o que faz girar esse eixo de espiritualidade dentro de cada um de nós é o Amor e a Verdade que vivemos com integridade. O Amor que sentimos, pensamos, falamos e vivemos. Não importa qual é a nossa religião, não importa se acreditamos ou não em Deus. Se a nossa espiritualidade estiver sobre uma base de Amor e Verdade, vivenciados e não somente conceituados, não importa o caminho que escolhermos, a vida dará certo. Sempre²⁷⁷.

De fato, tudo aquilo que foi exposto ao longo desta pesquisa confluiu para a validação da afirmação joanina: “Ele enxugará dos seus olhos toda lágrima. Pois nunca mais haverá morte, nem luto, nem clamor, e nem dor haverá mais. Sim! As coisas antigas se foram!”²⁷⁸. No diálogo entre teologia e medicina foi possível indicar em termos metodologicamente ordenados aquilo que há muito o Espírito Santo vem operando a todos quantos se abrem à sua ação: no sofrimento e na morte, no dia decisivo da vida humana, Deus será sempre fonte de consolação e ternura para o homem, que redimido na cruz, alcança em Cristo sua vitória final. No capítulo final da história terrena de cada homem e mulher, o Autor da Vida deixará sempre sua assinatura: plenitude de vida, graça transbordante e eternidade.

²⁷⁶ Cf. Introdução, p. 12.

²⁷⁷ ARANTES, A. C. Q. **A morte é um dia que vale a pena viver**, p.126.

²⁷⁸ Ap 21,4

REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, Nicola. **Introdução ao Existencialismo**. Lisboa, Portugal: Minotauro, 1962.
- ANCP, Academia Nacional de Cuidados Paliativos. **Manual de Cuidados Paliativos**. Rio de Janeiro: Diagraphic; 2009.
- ARANTES, Ana Claudia Quintana. **A morte é um dia que vale a pena viver**. E um excelente motivo para se buscar um novo olhar para a vida. Rio de Janeiro: Sextante, 2019.
- BALTHASAR, Hans Urs von. **A Verdade é Sinfônica**: aspectos do pluralismo cristão. Tradução: Ney Vasconcelos de Carvalho. São Paulo: Paulus, 2016.
- _____. **My work: in retrospect**. São Francisco: Ignatius Press, 1993.
- _____. **Mysterium Paschale: The Mystery of Easter**. 1st ed San Francisco: Ignatius Press, 2000.
- _____. **Teología de los tres días**: El misterio pascual. Tradução de José Pedro Tosaus. Madrid, Ediciones Encuentro, 2000.
- _____. **The Glory of the Lord: A Theological Aesthetics**. Volume I: Seeing the Form, Tr. Erasmo Leivà-Merikakis. Edinburgh: T&T Clark and San Francisco: Ignatius Press, 1982.
- _____. **The Word Made Flesh: Explorations in Theology I**. 1st ed San Francisco: Ignatius Press, 1989.
- _____. **Theo-Drama: Theological Dramatic**. Volume I: Prolegomena, Tr. Graham Harrison. San Francisco: Ignatius Press, 1988.
- _____. **Theo-Logic**. Volume I: *Truth of the World*, Tr. Adrian J. Walker. San Francisco: Ignatius Press, 2000.
- _____. **Tu tienes palabras de vida eterna**. Madrid: Ediciones Encuentro, 1998.
- _____. **Vida a partir da morte**: Meditações sobre o mistério pascal. 1ª ed. São Paulo: Paulus, 2018.
- BENTO XVI, Papa. **Carta Encíclica *Spe Salvi***. Disponível em: https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/encyclicals/documents/hf_ben-xvi_enc_20071130_spe-salvi.html. Acesso em: 08 de mai. 2021.
- BRUSTOLIN, Leomar Antônio (Org). **Esperar a salvação**: A escatologia de Hans Urs von Balthasar. 1ª ed. São Paulo: Paulus, 2019.
- CASTILLO, José Maria. **Jesus: a humanização de Deus**- ensaio de cristologia. Tradução de João Batista Kreuch. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

CERVELIN, Aline Fantin; KRUSE, Maria Henriqueta. Espiritualidade e religiosidade nos cuidados paliativos: conhecer para governar. **Escola Anna Nery Revista de Enfermagem** 2014;18(1), p.136-142. Disponível em :
<https://www.scielo.br/j/ean/a/kvtgdRs3BXBtFZ7gKqgcdRQ/?format=pdf&lang=pt#:~:text=D e%20acordo%20com%20a%20literatura,encontrar%20conforto%2C%20esperan%C3%A7a%20e%20for%C3%A7a6>. Acesso em 05 de maio de 2022.

CONCÍLIO VATICANO II. **Constituição Dogmática *Lumen Gentium***. Disponível em:
 <https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19641121_lumen-gentium_po.html>. Acesso em: 08 de mai. 2021.

DENZINGER, Heinrich. **Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral da Igreja Católica**. Tradução de José Marino Luz e Johan Konings. Edições Loyola, São Paulo, Brasil, 2006.

ESTRADA, Juan Antonio. **Deus nas tradições filosóficas**, vol. I: Aporias e problemas da teologia

FERNANDES, Rafael Martins. **A Igreja e o Espírito da Verdade em Hans Urs von Balthasar**: Um estudo do pensamento eclesiológico. 2014. Dissertação (Mestrado em Teologia)- Faculdade de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

FISICHELLA, Rino. **La bellezza è la prima parola**. Rileggendo Hans Urs von Bathasar, Edizioni San Paolo, 2020.

FORTE, Bruno. **La porta della bellezza**: per un'estetica teologica. Brescia: Morcelliana, 1999.

_____. **Teologia em diálogo**. Para quem quer e para quem não quer saber nada disso. São Paulo: Loyola, 2002.

FRANCISCO, Papa. **Lumen Fidei**: Carta Encíclica sobre a fé. 2013. Disponível em:
https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20130629_encyclica-lumen-fidei.html. Acesso em 25 de maio de 2022.

GERSTENBERGER, Erhard; SCHRAGE, Wolfgang. **Por que sofrer? O sofrimento na perspectiva bíblica**. Tradução de Ilson Kayser, Leiden- São Leopoldo: Sinodal, 2007.

GOMES, Ana Luisa Zaniboni; OTHERO, Marília Bense. Cuidados Paliativos. **Estudos Avançados**. Medicina 30 (88). Set-Dec, 2016. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/ea/a/gvDg7kRRbzdfXfr8CsvBbXL/?lang=pt>. Acesso em 05 de maio de 2022.

GONÇALVES, Paulo Sérgio Lopes; FAVRETTO, Alexandre Boratti. O tempo escatológico à luz do método transcendental. **Revista de Cultura Teológica**, v. 24, p. 250-279, 2016.

GUERREIRO, Elio. **Hans Urs von Balthasar**. Tradução: Silva Debetto C. Reis. São Paulo: Loyola, 2010.

HAIGHT, Roger. **Dinâmica da Teologia**. São Paulo: Paulinas, 2004.

HEALY, Nicholas J. **The Eschatology of Hans Urs von Balthasar: being as Communion.** New York, Oxford University Press, 2005.

KOENING, Harold G. **Medicina, religião e saúde: o encontro da ciência e da espiritualidade.** Porto Alegre: L&PM, 2012.

KUSCHEL, Karl-Josef. **Os escritores e as Escrituras.** Retratos teológico-literários. São Paulo: Loyola, 1999.

LADARIA, Luis F. **Deus vivo e verdadeiro.** Edições Loyola, 2005.

LIBÂNIO, João B.; MURAD, Afonso. **Introdução à teologia: perfil, enfoques, tarefas.** São Paulo: Edições Loyola, 2014.

MATSUMOTO, D. Y. Cuidados Paliativos: conceito, fundamentos e princípios. In: CARVALHO, R. T.; PARSONS, H. A. (Org.) **Manual de Cuidados Paliativos.** São Paulo: Academia Nacional de Cuidados Paliativos (ANCP), 2012. p.23-30.
natural, São Paulo: Paulus, 2003.

MISSAL ROMANO. 1ª Edição, São Paulo: Paulus, 1992.

RATZINGER, Joseph. **A grande esperança: textos escolhidos sobre escatologia.** Rudy Albino de Assunção (org.), São Paulo: Paulus, 2019.

REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. **História da filosofia.** 8ª ed. São Paulo: Paulus, 2007.

REIS, Jair Luís. Pressupostos teológicos de Hans Urs von Balthasar e a sua compreensão de revelação divina. **Rhema.** Belo Horizonte: Fumarc, 2007. vol. 13, ns. 42/43/44. (Edição Unificada), p. 75-105.

RIBARIC, Sergio Alejandro. **Silêncio de Deus em Hans Urs von Balthasar.** Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC-SP. Ano de Obtenção: 2011. (Dissertação).

ROVIGHI, Sofia V. **História da filosofia contemporânea: do século XIX a neoescolástica.** 5.ed. São Paulo, SP: Loyola, 2015.

SAMPAIO, Aurélia D.; SIQUEIRA, Hedi C. H. Influência da Espiritualidade no Tratamento do Usuário Oncológico: Olhar da Enfermagem. **Ensaio e Ciência** (Campo Grande. Impresso), v. 20, p. 153-160, 2017.

SANTOS, Franklin S. **Cuidados Paliativos: discutindo a vida, a morte e o morrer.** São Paulo (SP): Atheneu; 2009.

SANTOS, Pedro Miguel Sousa. A Teologia da História: aspectos fundamentais. **Perspectiva Teológica**, Belo Horizonte, ano 43, n. 121, p. 411-423, 2011. Disponível em: <<http://www.faje.edu.br/periodicos/index.php/perspectiva/article/view/1484>>. Acesso em: 09 mar. 2021.

SCOLA, Ângelo. **Hans Urs von Balthasar: un estilo teológico.** Madrid: Encuentro, 1997.

VIEIRA, Renato. Von Balthasar: Teólogo em diálogo com a cultura. **Atualidade Teológica**, Rio de Janeiro, ano XVI, n. 42, set. a dez. 2012. Disponível em: <<https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/22306/22306.PDF>>. Acesso em: 08 mar. 2021.

WHO- World Health Organization. **Definition of Palliative Care**. Genebra: World Health Organization; 2020. Disponível em: www.who.int/cancer/palliative/definition/en. Acesso em 01 junho 2022.

_____. **Palliative Care. Cancer control: knowledge into action-** WHO guide for effective programs. Module 05. Genève, 2007. Disponível em: http://whqlibdoc.who.int/publications/2007/9241547345_eng.pdf. Acesso em 20 maio de 2022.

WIGLEY, Stephen. **Balthasar's Trilogy**. New York: Continuum, 2010.

ZILLES, Urbano. **Panorama das filosofias do século XX**. São Paulo: Paulus, 2016.